



**BB ASSET
MANAGEMENT**

**Busque mais para
os seus investimentos**

BBGO11



Relatório Gerencial
BB Fundo de Investimento de Crédito FIAGRO Imobiliário

Julho - 2025

INFORMAÇÕES GERAIS

O BB FIAGRO é um fundo de investimento que investe em ativos como CRA, LCA, CRI e Debêntures, desde que todos estejam vinculados ao Agronegócio. Os rendimentos do fundo são isentos de imposto de renda.

O fundo tem como objetivo superar o CDI através do investimento em uma carteira de crédito privado de alta qualidade, contando com a expertise do Banco do Brasil no setor de agronegócios. A isenção de imposto de renda torna o produto ainda mais atraente em uma indústria que representa cerca de um terço de todas as exportações do Brasil.

Ticker	Patrimônio Líquido	Nº de Cotistas	Quantidade de Cotas
BBGO11	R\$376.205.273,02	11.755	4.005.164
CNPJ	Data de Início	Taxa de Administração	Taxa de Performance
42.592.257/0001-20	17/dez/21	0,85% a.a.	10% sobre excesso CDI+1% a.a.
Administrador e Gestor	Consultor	Custodiante	Auditor
BB Asset Management	Banco do Brasil SA	Banco do Brasil	KPMG

Resultados – Julho/2025

Rendimento por cota	Dividend Yield	Nº de Negócios	Volume Negociado
R\$1,14	1,35%	6.307	R\$4.416.273,94
	Receitas	Despesas	
	R\$4.564.536,90	-R\$ 488.950,10	

*% a Distribuir = Resultado a Distribuir deduzido do Caixa

COMENTÁRIO DO GESTOR

Rendimentos

O BB FI FIAGRO encerrou o mês de julho com excelente performance, com uma rentabilidade da cota patrimonial de 1,20% a.m. A cota patrimonial vem recuperando valor ao longo do ano. Em julho, decidimos distribuir R\$0,90 rendimentos por cota, ou seja, um Dividend Yield de 1,35% (105,53% do CDI) sobre o valor de mercado.

Carteira

A carteira de privados encerrou o mês de julho com 82,7% do patrimônio líquido alocado em ativos indexados ao CDI, 25,7% indexados ao IPCA e 1% em posição prefixada. Além disso, o fundo possui uma alocação de 0,93% do patrimônio líquido em FIDC FIAGRO. O fundo encerrou o mês com uma liquidez de 16,4% do PL que nos dá tranquilidade para buscar novas oportunidades de alocação tanto no mercado primário quanto no secundário, com o objetivo de aumentar a diversificação entre os principais setores do agronegócio. O valor da cota está sendo negociado com um desconto aproximado de 28%, em relação ao valor da cota patrimonial. Este desconto, em nossa análise, representa uma oportunidade de alocação, dado que a carteira é amplamente diversificada (mais de 35 emissores), apresentando yield média acima de CDI + 2% ao ano e duração média próxima de 2 anos.

EUA

O “tarifaço” dos Estados Unidos, com início em 6 de agosto de 2025, impõe uma tarifa de 50% sobre diversos produtos brasileiros, afetando fortemente setores do agronegócio como café, carne bovina, etanol, açúcar, pescados e apicultura. Estima-se uma redução de R\$ 52 bilhões nas exportações e R\$ 19,2 bilhões no PIB nacional, com impactos significativos nos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e Minas Gerais. A sobreoferta interna pode reduzir a inflação em 2025, mas há risco de pressão inflacionária em 2026. Setores do agronegócio junto com o governo brasileiro tentam negociar redução de tarifas, enquanto tradings e frigoríficos buscam novos mercados como China e Japão. Para mitigar os impactos, o governo lançou o Plano Brasil Soberano, com medidas como compra direta de alimentos, escoamento garantido da produção e habilitação via Siscomex. Estados como SP, RS e PR liberaram crédito e incentivos fiscais, e o Ceará estuda compras diretas de exportadores. O setor privado aposta em barter, financiamento direto e tecnologias sustentáveis para reduzir o impacto das tarifas.

COMENTÁRIO DO GESTOR

Lavoro

No dia 18 de junho, a Lavoro anunciou um acordo de recuperação extrajudicial (RE) no valor de R\$ 2,5 bilhões para seus principais fornecedores. Este acordo envolve a extensão dos prazos de pagamento das dívidas e a criação de um modelo de financiamento de inventário para os próximos anos, visando manter as operações e superar as dificuldades causadas pela escassez de produtos no mercado agrícola. Os detentores do Certificados de Recebíveis do Agronegócio (CRAs) aprovaram os seguintes itens na Assembleia Extraordinária: Recuperação Extrajudicial (RE) restrita ao grupo fornecedores; inadimplemento de obrigações financeiras superiores a R\$35 milhões anteriores a RE; protestos de títulos, anteriores à RE, também superiores a R\$35 milhões; e rompimento de covenant financeiro. O objetivo dessas aprovações foi de evitar o vencimento antecipado da referida emissão. O fundo BB FI FIAGRO tem uma exposição de 2,42% do seu patrimônio líquido no CRA02300TBL, com vencimento em 22/12/2027, pagamento de juros mensais e amortização anual a partir de dezembro de 2026. Estamos monitorando o mercado secundário para reduzir nossa exposição e acompanhando a recuperação extrajudicial, reuniões dos credores e a empresa, além de participar da AGT para defender os interesses dos nossos cotistas.

Regime de Distribuição

Ao longo dos últimos anos, o BBGO11 adotou dois regimes distintos para a distribuição de resultados. Até 2022, prevalecia o regime de caixa; posteriormente, a partir de 2023, passou-se a utilizar o regime de competência, estabelecendo que entre 95% e 100% do resultado apurado no semestre fiscal poderia ser distribuído, com os valores não distribuídos sendo incorporados ao patrimônio líquido. A ausência de uma regulamentação clara quanto à forma correta de distribuição sempre gerou dúvidas tanto na indústria de fundos quanto entre os cotistas dos Fiagros. Visando sanar esse cenário de incerteza, a CVM emitiu o Ofício-Circular-Conjunto nº 1/2025/CVM/SSE/SNC, datado de 03/05/2025, no qual estabeleceu seu entendimento sobre a política adequada de distribuição de rendimentos: os Fiagros devem seguir o regime de competência, limitando-se ao lucro contábil — ou seja, ao lucro acumulado ou ao lucro do exercício apurado conforme esse regime. Apesar da redução no valor patrimonial do BBGO11 devido ao PDD realizado no final de 2024, o fundo tem apresentado lucro contábil desde o seu início. Como exemplo, um dos ativos provisionados foi totalmente pago pelo devedor, gerando uma recuperação na cota. Esses eventos e a qualidade dos ativos alocados nos permitem manter a distribuição pelo regime de competência aos cotistas.

REMUNERAÇÃO DOS CRAS

Considerando as taxas de remuneração dos ativos na carteira do BBGO11, os CRAs e FIDCs são atrelados ao IPCA, CDI e Prefixado. Dessa forma, a remuneração considerando as taxas médias de aquisição e taxas de mercado se dividem conforme gráfico abaixo:

Ativo	% Alocado (% do PL)	Taxa Média Compra	Taxa Média a Mercado
IPCA +	25,69%	6,90%	9,82%
CDI +	46,05%	2,92%	3,02%
% CDI	10,94%	106,33%	102,99%
Prefixado	92,00%	11,96%	13,66%
Operação Compromissada	16,38%	100%CDI (-) IR	100%CDI (-) IR

COMPOSIÇÃO DA CARTEIRA

Data Compra	Vencimento	Qtde	Financeiro	%	Índice	Taxa Compra	Taxa Mercado	Código CETIP
VALE DO TIJUCO								
05/11/2024	16/10/2034	12.000	R\$ 12.632.409,85	3,28%	CDI	1,60%	1,43%	CRA0240099E
11/06/2025	16/10/2034	8.000	R\$ 8.421.606,56	2,19%	CDI	1,48%	1,43%	CRA0240099E
ELDORADO								
18/01/2023	15/09/2027	7.163	R\$ 8.979.993,27	2,33%	IPCA	6,90%	9,25%	CRA021002YB
22/03/2022	15/09/2027	4.000	R\$ 5.014.654,90	1,30%	IPCA	6,62%	9,25%	CRA021002YB
20/09/2023	15/09/2027	5.025	R\$ 6.299.660,22	1,64%	IPCA	7,09%	9,25%	CRA021002YB
CEREAL								
14/11/2024	16/11/2029	10.000	R\$ 10.245.584,39	2,66%	CDI	1,10%	1,31%	CRA02400AHV
GDM GENÉTICA								
16/03/2022	21/12/2026	2.400	R\$ 1.233.563,32	0,32%	CDI	1,40%	1,06%	CRA021001KA
18/03/2022	21/12/2026	3.300	R\$ 1.696.149,56	0,44%	CDI	1,50%	1,06%	CRA021001KA
COCARI								
24/03/2022	17/12/2026	10.000	R\$ 5.060.439,43	1,31%	CDI	5,35%	4,76%	CRA021005KX
FS BIO								
30/03/2022	18/02/2026	5.000	R\$ 2.647.559,44	0,69%	CDI	1,50%	3,59%	CRA022001E1
28/04/2023	15/10/2029	2.000	R\$ 1.993.434,84	0,52%	CDI	2,90%	3,28%	CRA02300795
26/03/2025	17/03/2031	10.000	R\$ 10.028.118,46	2,60%	CDI	3,00%	3,14%	CRA0250012Y
FIAGRIL								
29/03/2022	24/12/2025	1.397	R\$ 1.997.549,82	0,52%	CDI	4,50%	4,50%	CRA021005LZ
29/03/2022	23/12/2026	499	R\$ 1.647.990,57	0,43%	CDI	5,00%	3,91%	CRA021005M0
11/01/2023	11/08/2027	5.000	R\$ 3.481.107,08	0,90%	CDI	4,50%	9,72%	CRA022007KF
NEOMILLE								
18/04/2022	17/04/2029	20.000	R\$ 21.332.741,42	5,54%	IPCA	6,23%	10,05%	CRA021005W1
RODOIL								
29/04/2022	09/03/2027	14.300	R\$ 12.003.483,66	3,12%	CDI	3,00%	3,48%	CRA022002XP
NARDINI								
16/05/2022	17/04/2028	20.000	R\$ 22.501.727,60	5,84%	IPCA	7,47%	9,85%	CRA022004H5
C VALE								
17/05/2022	15/04/2027	10.000	R\$ 7.543.513,60	1,96%	IPCA	7,18%	10,45%	CRA022003PD
BEM BRASIL								
25/05/2022	15/05/2029	7.163	R\$ 7.851.837,44	2,04%	IPCA	6,53%	8,77%	CRA022003JT
USINA CERRADÃO								
03/06/2022	15/05/2028	15.000	R\$ 16.443.596,00	4,27%	IPCA	6,99%	10,25%	CRA022004XY
CARAMURU								
18/07/2022	16/07/2029	2.000	R\$ 1.691.872,48	0,44%	IPCA	7,20%	11,16%	CRA022006BU
EXPOCACCER								
15/07/2022	29/05/2026	2.700	R\$ 924.578,83	0,24%	CDI	4,50%	5,05%	CRA02200798
CORURIFE								
28/07/2022	09/07/2027	20.000	R\$ 6.753.885,99	1,75%	CDI	1,50%	1,50%	CRA022007VI
23/01/2025	25/11/2030	496	R\$ 3.102.391,35	0,81%	CDI	4,95%	4,95%	CRA02400ECT
ALCOESTE								
29/09/2022	20/09/2027	3.000	R\$ 2.995.089,88	0,78%	CDI	3,50%	4,02%	CRA022008YD
14/11/2023	20/09/2027	2.000	R\$ 1.996.726,59	0,52%	CDI	3,85%	4,02%	CRA022008YD

COMPOSIÇÃO DA CARTEIRA

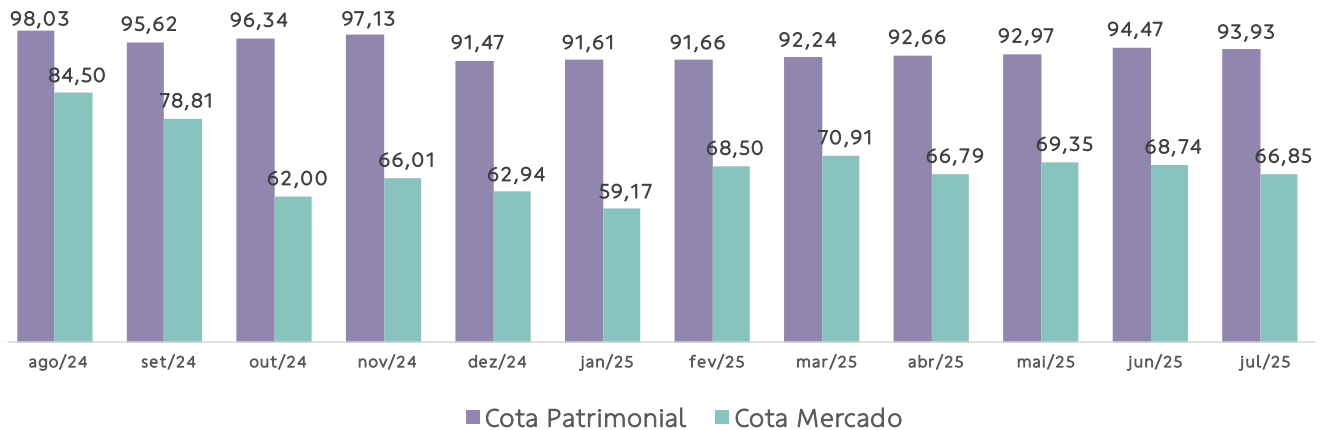
Data Compra	Vencimento	Qtde	Financeiro	%	Índice	Taxa Compra	Taxa Mercado	Código CETIP
FAZENDÃO								
30/09/2022	15/09/2025	5.000	R\$ 5.035.912,39	1,31%	CDI	2,00%	2,33%	CRA022009Q7
06/01/2023	15/09/2025	5.000	R\$ 5.035.912,39	1,31%	CDI	2,30%	2,33%	CRA022009Q7
13/02/2023	15/09/2025	4.972	R\$ 5.007.711,28	1,30%	CDI	2,30%	2,33%	CRA022009Q7
CRESOL								
28/10/2022	15/12/2027	5.974	R\$ 3.107.297,08	0,81%	CDI	2,95%	1,54%	CRA0220099D
GIRASSOL								
04/11/2022	19/10/2026	10.000	R\$ 10.487.933,12	2,72%	CDI	2,40%	2,17%	CRA02200AHU
VICUNHA								
13/02/2023	16/08/2027	1.000	R\$ 1.065.168,23	0,28%	CDI	2,10%	1,72%	CRA022008C2
OLFAR								
04/04/2023	15/03/2029	3.000	R\$ 3.075.874,33	0,80%	CDI	3,00%	2,04%	CRA023003JX
COAGRIL								
04/05/2023	27/12/2027	2.000	R\$ 1.057.503,64	0,27%	CDI	4,70%	4,60%	CRA023006SH
12/06/2025	27/12/2027	4.514	R\$ 2.386.785,71	0,62%	CDI	4,63%	4,60%	CRA023006SH
SIERENTZ								
05/05/2023	13/03/2030	4.000	R\$ 3.050.311,08	0,79%	CDI	3,80%	3,81%	CRA023004BL
01/11/2023	13/03/2030	4.000	R\$ 3.050.311,08	0,79%	CDI	3,80%	3,81%	CRA023004BL
14/11/2023	13/03/2030	2.233	R\$ 1.702.836,16	0,44%	CDI	3,67%	3,81%	CRA023004BL
02/02/2024	13/03/2030	10.000	R\$ 7.625.777,70	1,98%	CDI	3,75%	3,81%	CRA023004BL
ALIANÇA AGRÍCOLA								
12/07/2023	15/05/2028	9.700	R\$ 8.486.238,52	2,20%	CDI	5,00%	4,15%	CRA02300CI2
BTG PACTUAL								
31/08/2023	15/09/2033	3.640	R\$ 3.513.130,28	0,91%	PRE	11,96%	13,66%	CRA02300HWK
MINERVA								
04/12/2024	16/11/2029	5.000	R\$ 5.228.722,28	1,36%	%CDI	105,00%	102,28%	CRA02400AYL
CAPAL								
01/12/2023	17/05/2029	1.667	R\$ 1.343.743,21	0,35%	CDI	3,50%	1,93%	CRA02300Q8I
09/04/2024	17/05/2029	3.333	R\$ 2.686.680,33	0,70%	CDI	3,50%	1,93%	CRA02300Q8I
LAVORO								
22/12/2023	22/12/2027	9.000	R\$ 8.853.509,47	2,30%	CDI	3,00%	4,36%	CRA02300TBL
USINA SANTA FÉ								
28/03/2024	17/12/2029	669	R\$ 703.440,44	0,18%	CDI	4,00%	2,39%	CRA024002MM
PRIME AGRO								
28/06/2024	19/06/2030	5.000	R\$ 4.768.701,08	1,24%	CDI	3,50%	3,56%	CRA024006N5
CAMIL								
19/06/2024	15/06/2029	10.913	R\$ 11.165.921,53	2,90%	%CDI	109,00%	101,37%	CRA0240066A
19/09/2024	15/06/2029	14.620	R\$ 14.958.835,59	3,88%	%CDI	104,00%	101,37%	CRA0240066A
UPPERDOG								
19/11/2024	20/11/2029	5.000	R\$ 5.032.172,81	1,31%	CDI	2,30%	2,30%	CRA02400AHU
INTEGRADA COOPERATIVA								
20/02/2025	15/05/2029	4.000	R\$ 4.141.459,54	1,08%	CDI	2,35%	2,34%	CRA025000MJ
COOXUPE								
01/07/2025	17/06/2030	10.000	R\$ 10.259.205,15	2,66%	%CDI	107,50%	107,50%	CRA025003UZ
FIDC URAAGRO								
12/06/2024		5.898	R\$ 3.500.009,76	0,91%	CDI	4,75%	4,75%	4571424S11

RELATÓRIO GERENCIAL

www.bbasset.com.br

Evolução da cota patrimonial x cota de mercado

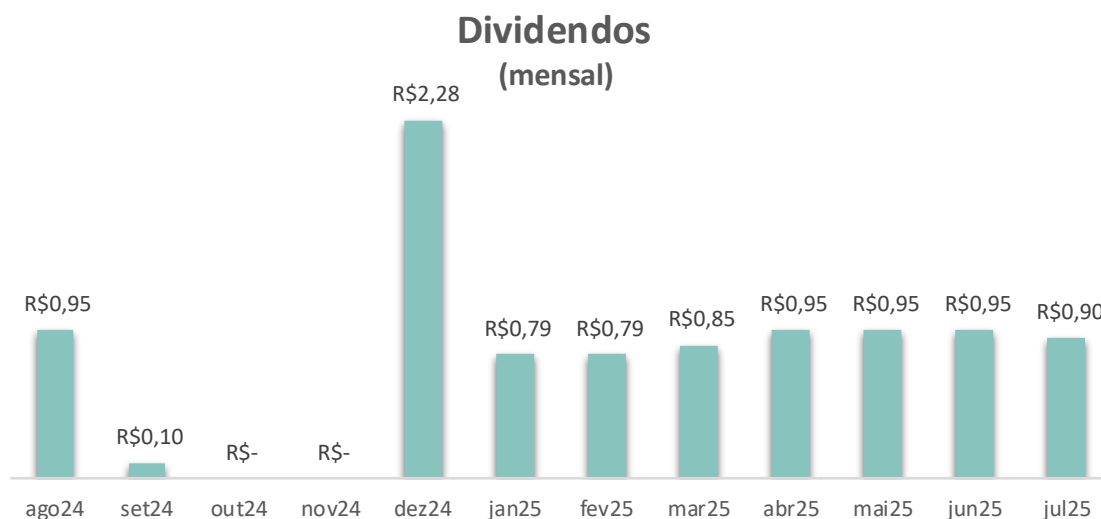
No mês de julho, a carteira do BBGO11 observou 82,69% em Certificados de Recebíveis Agrícolas (CRA), 0,92% em FIDC e 16,38% da carteira em liquidez (operações compromissadas e caixa). Os ativos atrelados ao IPCA somavam 25,69% dos CRAs, ao CDI 56,08% e prefixados 0,92%, diversificados em 35 diferentes emissores.



Demonstrativo de Resultado

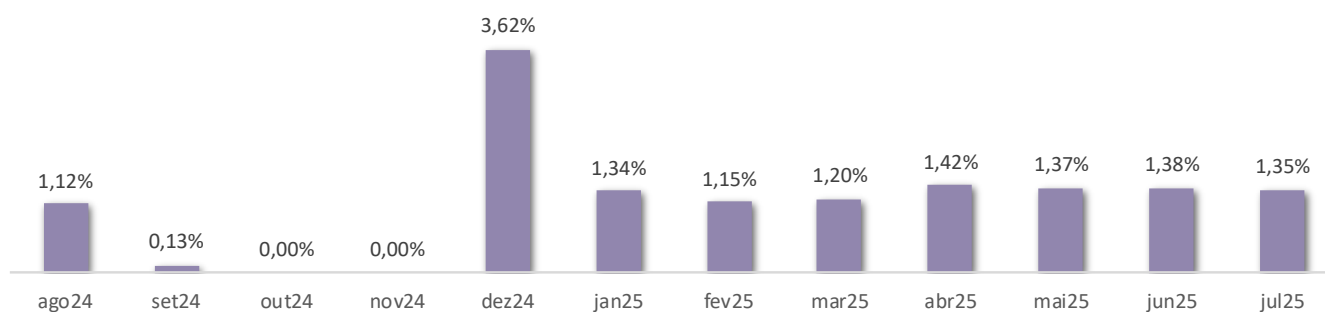
DRE (R\$ Milhões)	fev2025	mar2025	abr2025	mai2025	jun2025	jul2025
Receitas	3,73	6,06	5,67	5,54	6,49	5,05
Rendimento CRA	4,17	4,21	3,96	3,98	5,91	3,83
MTM CRA	-1,26	-0,45	2,82	0,81	-0,20	0,46
Outras Receitas	0,82	2,29	-1,12	0,75	0,78	0,76
Despesas	-0,34	-0,35	-0,36	-0,41	-0,44	-0,49
Taxa de Administração	-0,18	-0,17	-0,18	-0,19	-0,18	-0,21
Outras Despesas	-0,17	-0,18	-0,18	-0,22	-0,26	-0,28
Resultado Líquido	3,39	5,71	5,31	5,13	6,05	4,56
Distribuição	3,16	3,40	3,80	3,80	3,80	3,60
Resultado por cota (R\$)	0,85	1,42	1,33	1,28	1,51	1,14
Distribuição por cota (R\$)	0,79	0,85	0,95	0,95	0,95	0,90

Rendimentos Mensais



Em julho, a variação da cota de mercado aumentou o descasamento do valor de mercado do fundo em relação à cota patrimonial, com margem de atratividade de 28,83% para negociação do Fundo no mercado secundário. O dividend yield do Fundo foi de 1,35%, equivalente a uma rentabilidade bruta (*grossup*) de 124,08% do CDI, que rendeu 1,28%.

Dividend Yield da Carteira (mensal)

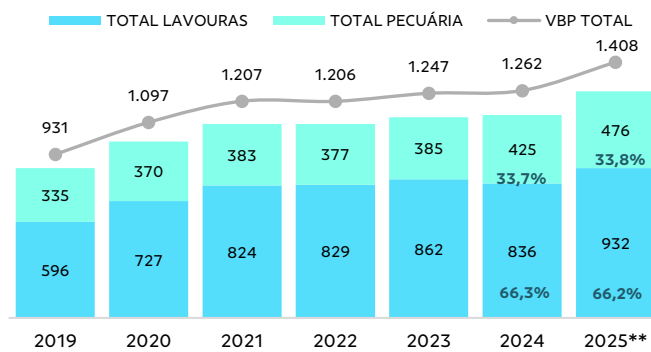


Comentário do Consultor de Análise de Crédito

Valor Bruto da Produção

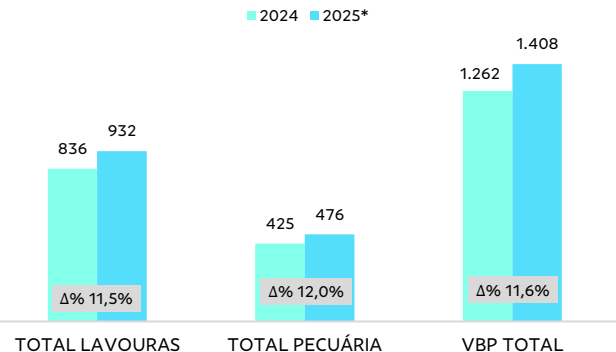
O Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP) estimado para 2025 é de R\$ 1,408 trilhão no ano, o que sinaliza avanço anual de 11,6% no faturamento das atividades produtivas no campo, de acordo com análise da Secretaria de Política Agrícola do Ministério da Agricultura e Pecuária, em valores deflacionados pelo IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas – FGV, de junho de 2025. Destaca-se que o bom desempenho esperado procede tanto da atividade pecuária como das lavouras.

VBP da Lavoura e Pecuária



* Previsão - valores reais - deflacionados pelo IGP-DI de Junho/25
 Fonte Preços: Cepea/Esalq/USP, CONAB e FGV/FGVDados
 Fonte: Min. Agricultura
 Elab.: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

VBP Agropecuária



* Previsão - valores reais - deflacionados pelo IGP-DI de junho/25
 Fonte Preços: Cepea/Esalq/USP, CONAB e FGV/FGVDados
 Fonte: Min. Agricultura
 Elab.: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

De forma geral, a elevação no Valor Bruto da Produção (VBP) estimado reflete as condições climáticas mais favoráveis em comparação ao ciclo anterior, o que contribuiu para o bom desempenho da pecuária e para o aumento da produtividade agrícola, culminando, inclusive, em um recorde na produção de grãos.

No segmento das lavouras, o crescimento da produção em diversas culturas, aliado à valorização de algumas commodities como o café têm contribuído para a elevação das estimativas de faturamento no período. Entretanto, fatores externos, como as sobretaxações aplicadas pelos Estados Unidos a produtos importados, podem impactar a dinâmica de preços das commodities agrícolas ao longo do segundo semestre. Soma-se a isso a recente retração nos preços de determinados produtos, influenciada pelo bom desempenho das lavouras, pelas perspectivas positivas de safra em países concorrentes e pela valorização do real. Esses elementos podem limitar o avanço do faturamento bruto da agropecuária, como já observado na revisão da projeção de junho, que apresentou redução de aproximadamente R\$ 30 bilhões em relação à estimativa divulgada em maio.

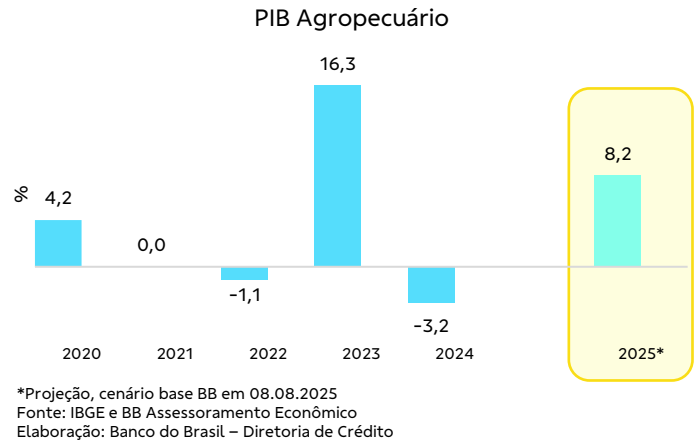
Na pecuária, a combinação de preços ainda valorizados e incremento na produção de aves e suínos sustenta a expectativa de crescimento do VBP em 2025. Vale ressaltar que o indicador do VBP de junho mostra incremento para o ano, no entanto, houve redução em relação ao último levantamento diante de queda nas cotações em todos os tipos de criação animal. Destaque para os efeitos dos embargos internacionais sobre o faturamento do produtor de aves no Brasil, oriundos do caso de gripe aviária em granja comercial no Rio Grande do Sul, pois a queda do Valor Bruto da Produção (VPB) do frango entre maio e junho foi a mais intensa em 18 anos. No caso dos bovinos, apesar do aumento do VBP no ano, é esperada menor produção diante da oferta mais restrita de animais para abate ao longo do segundo semestre, em decorrência da mudança do ciclo da pecuária.

Na produção leiteira, apesar do indicativo de incremento no VBP de 2025 em 2,4%, a oferta de insumos permanece restrita, reflexo de baixos investimentos na ampliação da produtividade no campo. Nesse cenário, o atendimento à demanda interna por leite cru e derivados tem ocorrido, em grande parte, por meio de aumentos nas importações.

PIB Agropecuário

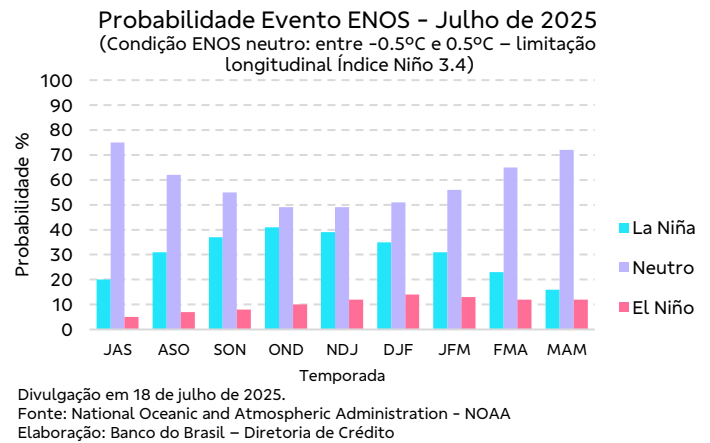
A retração da produção agrícola, impactada por condições climáticas desfavoráveis na safra 2023/24, levou o PIB agropecuário a fechar 2024 em queda de 3,2%.

Para a safra 2024/25, por sua vez, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) aponta uma produção recorde de grãos no país, em linha com o clima mais ameno até então observado, o que dá sustentação para estimar crescimento de 8,2% no PIB agro de 2025.



Aspectos Climáticos

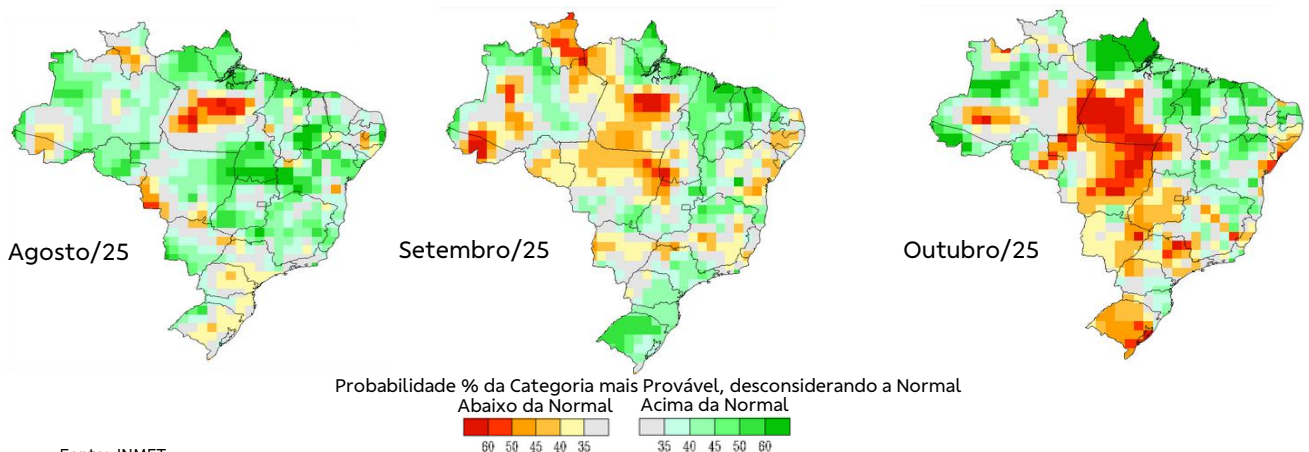
Nas previsões do *International Research Institute for Climate and Society (IRI)*, da Universidade de Columbia, em parceria com o *National Oceanic and Atmospheric Administration (NOAA)*, as possibilidades de formação de novo período de La Niña a partir do final de 2025 aumentaram marginalmente nas últimas divulgações, embora predomina a expectativa de continuidade do período de neutralidade climática até os primeiros meses de 2026.



Precipitação

Para os próximos meses, as previsões do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), à exceção de algumas regiões mais pontuais, indicam predomínio de probabilidades de chuvas em torno da normalidade no país. No entanto, para o mês de setembro e outubro, período de início do plantio de importantes culturas agrícolas em várias regiões do Brasil, espera-se precipitações abaixo do normal em parte das regiões produtoras do Norte, Centro-Oeste, Sul e Sudeste.

Probabilidade de Precipitação Total (mm)



Destaques – Produção de Grãos

De acordo com o 10º Levantamento da Safra de Grãos 2024/25, de julho de 2025, publicado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), os indicadores da temporada continuam apontando para um ciclo com recorde de produção, cuja previsão é de acréscimo de 14,2% no volume de produção, atingindo 339,6 milhões de toneladas.

O cultivo está estimado em 81,8 milhões de hectares, o que representa incremento de 2,3% de área plantada e aumento de 11,6% na produtividade. As culturas de verão de primeira safra já estão com a colheita praticamente concluídas, com destaque para as lavouras de soja, milho e arroz.

Soja

A colheita da temporada 2024/25 de soja está concluída, com 100% da atividade finalizada em junho de 2025. Segundo a Conab, a relativa estabilidade climática em grande parte das regiões produtoras e os investimentos crescentes em tecnologias produtivas foram os principais fatores responsáveis pelo bom desempenho e pelo recorde da safra, com o volume colhido de 169,5 milhões de toneladas, alta de 14,7% frente ao ciclo 2023/24.

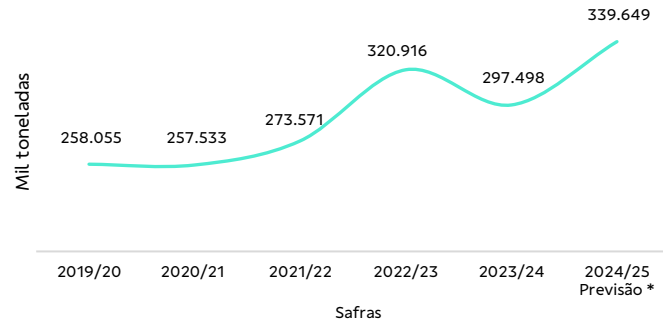
Destaca-se que a demanda externa pelo grão tem sido um dos principais fatores responsáveis pelo incentivo à produção, além do consumo interno aquecido para insumos nas indústrias de alimentos, ração animal e óleo de soja.

Para 2025, é previsto pela Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove) aumento na demanda da indústria, com estimativa de esmagamento alcançando 57,8 milhões de toneladas, incremento de 3,6% frente ao apurado em 2024.

Preços e Custos – Os custos das lavouras seguem pressionados ao longo de 2025, destacando-se aqueles referentes à aquisição de fertilizantes e defensivos, com reflexos em margens menos atrativas que o habitual para o produtor rural. Vale mencionar que o maior impulsionador do custo dos insumos é a restrição de oferta frente a uma demanda global aquecida. Além disso, o custo do capital encontra-se elevado com a Selic em patamar contracionista.

Após forte retração na cotação da commodity em 2023 e trajetória de recuperação que predominou em 2024, haja vista os menores níveis de estoque e efeitos do clima sobre a produção naquele momento, observou-se certo arrefecimento na passagem de 2024 para o início de 2025 e, a partir do segundo trimestre, leve movimento de alta.

Produção Brasileira de Grãos

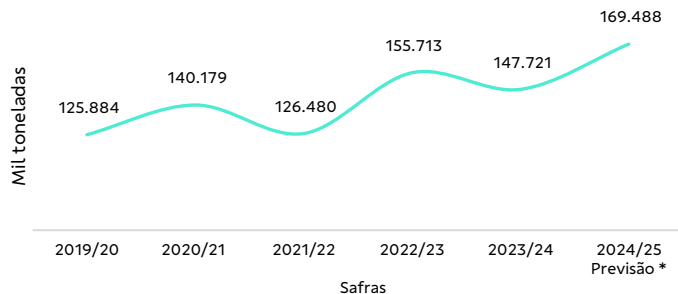


* Projeção.

Fonte: Conab – 10º Levantamento da Safra de Grãos 2024/25 – jul/2025

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Produção Brasileira de Soja



* Projeção.

Fonte: Conab – 10º Levantamento da Safra de Grãos 2024/25 – jul/2025

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Desempenho no campo

Soja	2023/24	2024/25*
Produção (mil ton.)	-5,1%	+14,7%
Produtividade (kg/ha)	-8,8%	+11,2%
Área (ha)	+4,0%	+3,2%

*Previsão

Fonte: Conab – Projeção de Safra 2024/25 – jul/25.

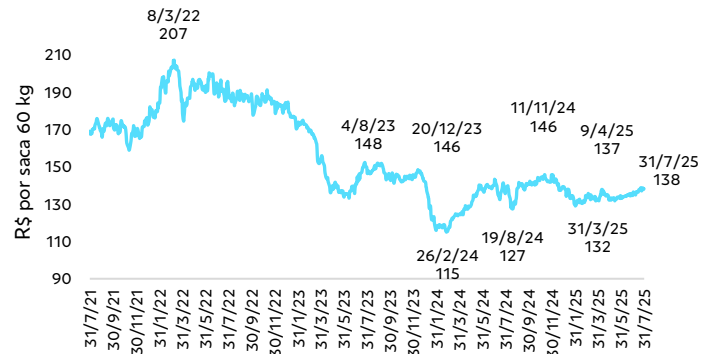
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

A adoção de políticas protecionistas pelo governo dos Estados Unidos contra a China e outros mercados tem impulsionado a demanda chinesa pela soja brasileira, contribuindo para a sustentação dos preços no mercado internacional.

O mercado segue avaliando que, no curto prazo, a tendência é de relativa estabilidade nos preços, embora permaneçam expostos a oscilações decorrentes dos efeitos do tarifaço dos EUA.

Na indústria, o arrefecimento na trajetória de recuperação dos preços do grão e a ausência de expectativa de valorização mais acentuada nas cotações futuras seguem trazendo alívio em termos de custos na cadeia produtiva da soja, tais como produtoras de óleo, biodiesel, farelo e ração animal.

Indicador Soja Esalq/B3 - Paranaguá

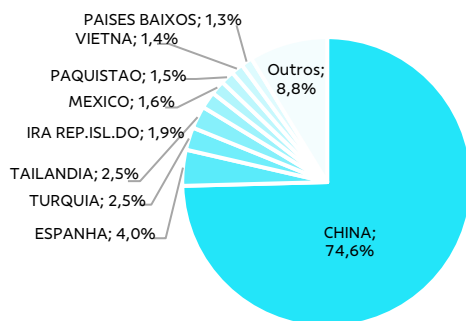


Fonte: Cepea/Esalq/USP

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Mercado Externo – O Brasil mantém a liderança das remessas globais de soja em grãos, com a China sendo o principal destino. Prospectivamente, a recuperação da produção brasileira já confirmada com recorde nacional na presente safra, associada à demanda externa aquecida – inclusive com possibilidade de incremento nas compras chinesas diante das políticas protecionistas impostas pelos EUA –, seguem como fatores que beneficiam as vendas externas brasileiras no ano. A Abiove prevê incremento ao redor de 10,3% para as exportações brasileiras de soja em grãos em 2025.

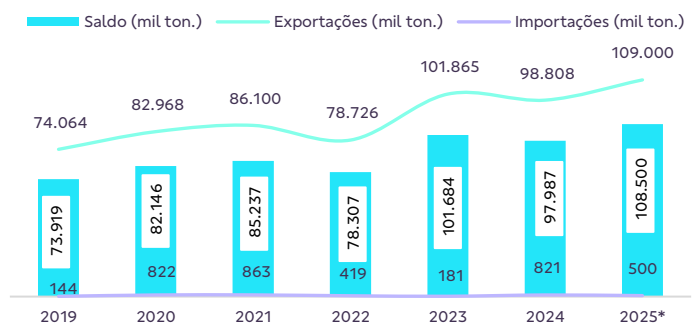
Export. de Soja em Grãos – por Destino
Acumulado – Jan-Jun/2025



Fonte: Secex e Agrostat

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Balança Comercial – Soja em Grãos
Acumulado/Ano



*2025 = Projeção Abiove

Fonte: Abiove, Secex e Agrostat

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Para a indústria de farelo de soja, as projeções da Abiove indicam uma expansão nas exportações em 2025, mesmo diante de um cenário de consumo interno aquecido, impulsionado principalmente pela demanda da indústria de ração animal. Além disso, a crescente demanda interna por soja para a produção de óleo, tanto para uso alimentício quanto para biodiesel, reforça o potencial de crescimento do processamento doméstico do grão. Nesse contexto, o suporte para o aumento das remessas externas está ancorado na elevada produção nacional de soja. Entretanto, o bom desempenho da safra argentina — principal concorrente do Brasil no mercado internacional de farelo — pode influenciar a dinâmica de preços e competitividade ao longo do ano, exigindo atenção estratégica por parte do setor.

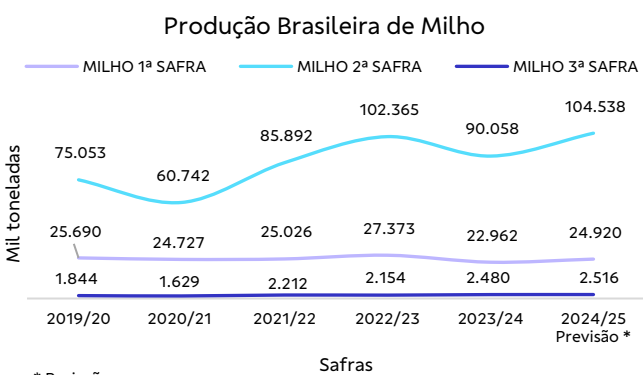
Milho

Conforme o 10º Levantamento da Safra de Grãos da Conab, a estimativa para a produção de milho no ciclo 2024/25 foi atualizada no último mês para 131,9 milhões de toneladas, acréscimo de 16,5 milhões de toneladas frente ao período anterior.

A primeira safra, com a colheita já concluída, obteve acréscimo de 8,5% na produção agrícola, favorecida pelo clima mais favorável durante o período de desenvolvimento, ainda que com irregulares pontuais em algumas regiões, mas que permitiu a consolidação das lavouras com incremento na produtividade em 14,2% e volume de produção de 24,9 milhões / ton.

A segunda safra, a “safrinha”, já está com 100% da semeadura realizada, além de colhido até meados de julho aproximadamente 75,2% do previsto para o atual ciclo, com a Conab estimando incremento de 4,2% na área plantada, produtividade 11,4% superior ao da safrinha anterior e, consequentemente, aumento de 16,1% na produção.

O plantio da 3ª safra, com um montante de produção mais residual estimado em 2,5 milhões de toneladas, foi finalizado em todas as regiões, mais especificamente em áreas próximas ao litoral nordestino e norte do Brasil. Apesar do atraso na implantação dos cultivos, as condições climáticas têm favorecido o desenvolvimento do cereal.



* Projeção.
Fonte: Conab - 10º Levantamento da Safra de Grãos 2024/25 - jul/2025
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Desempenho no campo

Milho 3 Safras	2023/24	2024/25*
Produção total (mil ton.)	-12,3%	+14,3%
Produtividade (kg/ha)	-7,4%	+11,6%
Área (ha)	-5,5%	+2,4%

*Previsão
Fonte: Conab - Projeção de Safra 2024/25 - jul/2025.
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

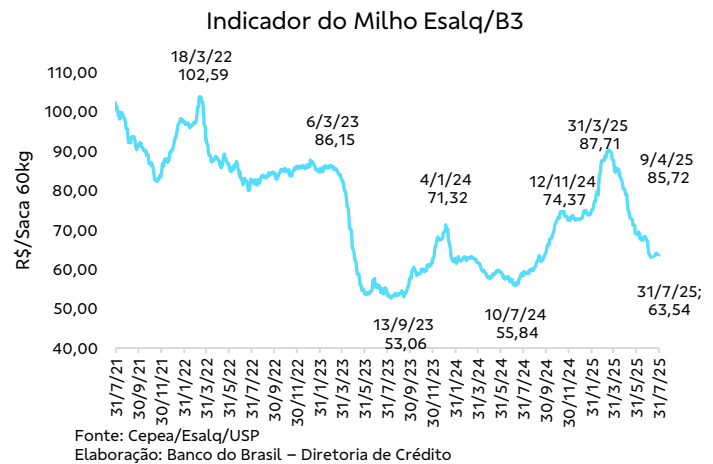
O forte incremento na produção de grãos da safra 2024/25 e a procura crescente por derivados do milho, a exemplo do farelo e do óleo para biodiesel, devem impulsionar a atividade na indústria de derivados no ano.

Com o aquecimento da produção de proteína animal no país, a demanda da indústria por ração à base de farelo de milho segue elevada. Paralelamente, o setor de óleos vegetais tem ampliado sua atuação tanto na alimentação quanto na produção de biodiesel. Um destaque especial vai para o etanol de milho, que já representa mais de 20% da composição total do etanol no Brasil, ganhando espaço na matriz de combustíveis renováveis diante da menor oferta de etanol proveniente da cana-de-açúcar. Nesse contexto, têm sido realizados vultosos investimentos na cadeia produtiva do etanol de milho, com projeções que superam R\$ 40 bilhões até 2029, o que poderá elevar a participação do milho a 40% da produção nacional de biocombustíveis.

Preços e Custos – No segundo semestre de 2024, as cotações do milho iniciaram uma trajetória de alta, impulsionadas por estoques reduzidos, demanda interna aquecida e preocupações com o desempenho das lavouras da primeira safra, além das incertezas climáticas que colocavam em risco a viabilização da segunda safra. Mesmo com a melhora nas condições climáticas nos últimos meses do ano, que favoreceu as expectativas de produção no Brasil, os preços continuaram em elevação, sustentados pela forte demanda da indústria de farelo para ração animal, biocombustíveis e alimentos

A partir de março de 2025, a tendência dos preços se inverteu, passando a registrar quedas em função do bom desempenho das safras no Brasil e na Argentina, bem como a expectativa de volume expressivo de milho que deve entrar no mercado internacional no segundo semestre, oriundo do mercado estadunidense, onde houve aumento de área plantada e o clima tem favorecido o desenvolvimento da safra.

Da mesma forma, em que pese a crescente demanda do setor de ração animal, em meio à expansão da produção de proteína no país, os preços do farelo de milho seguem em baixa, correlacionados à cotação do milho.



A dinâmica entre os mercados de milho e soja também exerce influência significativa, dado o caráter complementar na oferta e substitutivo na demanda desses insumos. Além disso, fatores estruturais como a taxa de câmbio e as condições de infraestrutura logística e de armazenagem no Brasil continuam a impactar diretamente a formação dos preços.

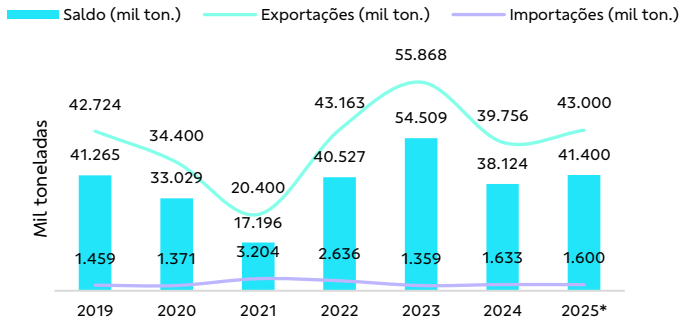
No entanto, a trajetória de queda nos preços do insumo (milho), que havia sofrido algum nível de correção altista em 2024, já vem melhorando a atratividade das margens de rentabilidade para a indústria desde março.

Exportações – No acumulado de 2025, as exportações brasileiras de milho devem representar cerca de 23% do total mundial, posicionando o país como o segundo maior exportador da commodity, atrás apenas dos Estados Unidos. De acordo com os dados de 2024, aproximadamente 92% das remessas externas do complexo do milho correspondem à modalidade grãos, enquanto 0,8% referem-se a óleo e biodiesel, 0,4% a farelo e os 6,8% restantes a outras formas de comercialização.

A maior oferta de milho brasileiro nesta safra, aliada à demanda externa aquecida, aponta para um crescimento nas exportações. Segundo estimativas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), cerca de 43 milhões de toneladas devem ser embarcadas pelos portos brasileiros em 2025, volume 12,4% superior ao registrado na safra 2023/24. No entanto, as expectativas de boa performance para a próxima safra estadunidense, com a colheita sendo iniciada, associada às incertezas da política tarifária dos EUA, que podem levar agentes externos a redirecionarem suas compras ao Brasil, são os fatores que podem influenciar nessa dinâmica.

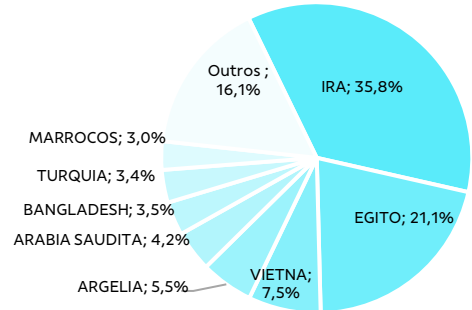
Por outro lado, um eventual recrudescimento das tensões militares no Oriente Médio pode impactar negativamente as exportações brasileiras de milho, dada a relevância dos países da região como destino das remessas nacionais. Destaca-se, por exemplo, o caso do Irã, que respondeu por 10,9% das exportações brasileiras da commodity em 2024 — participação que saltou para 35,8% no primeiro semestre de 2025. Egito e Arábia Saudita também figuram entre os principais compradores, o que reforça a sensibilidade do comércio exterior brasileiro às instabilidades geopolíticas na região.

Balança Comercial – Milho
Acumulado/Ano



*2025 = Projeção USDA
Fonte: Secex e Agrostat
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Exportações de Milho por Destino
Acumulado – Jan-Jun/2025

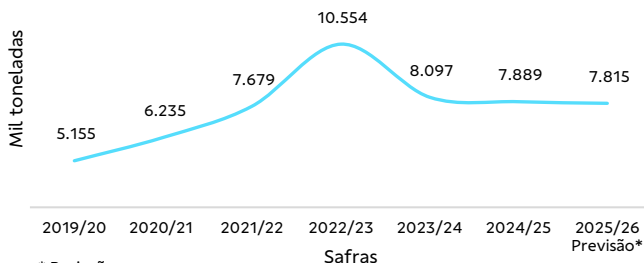


Fonte: Secex e Agrostat
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Trigo

A semeadura da safra 2025/26 de trigo teve início em abril nos estados de Goiás, Minas Gerais e parte do Paraná, avançando posteriormente para o Rio Grande do Sul e Santa Catarina entre maio e junho. As estimativas da Conab indicam um cenário de maior produtividade, com alta de 18,7%, mas uma leve retração na produção total (-0,9%), reflexo da expressiva redução na área plantada, estimada em -16,5%. Essa tendência de queda na área cultivada é observada em praticamente todos os estados produtores, com destaque para Rio Grande do Sul e Paraná, que concentram as maiores extensões destinadas ao cultivo do grão. Ainda assim, as condições climáticas no início do ciclo têm sido mais favoráveis em comparação à safra anterior, o que tem sustentado os níveis de produtividade e limitado a queda na produção, atualmente projetada em 7,8 milhões de toneladas.

Produção de Trigo



* Projeção.
Fonte: Conab – 10º Levantamento da Safra de Grãos 2024/25 – jul/2025
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Desempenho no Campo

Trigo	2024/25	2025/26*
Produção (mil ton.)	-2,6%	-0,9%
Produtividade (kg/ha)	+10,6%	+18,7%
Área (ha)	-11,9%	-16,5%

*Previsão
Fonte: Conab – Projeção de Safra 2024/25 – jul/2025.
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

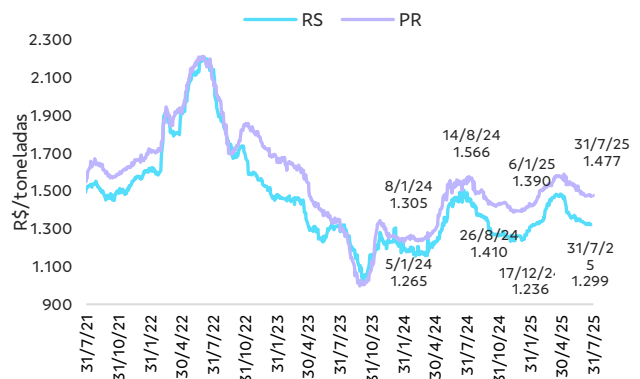
Na indústria, a produção nacional estimada de massas de trigo e derivados registrou aumento de 2,4% em 2024, e, para 2025, caso se confirme a relativa estabilização da produção de trigo em grãos da safra 2025/26, a atividade de moagem deverá ter incremento, no mínimo, idêntico a 2024. No entanto, vale destacar que o resultado fraco da produção de trigo na safra (2024/25) impõe um quadro com as moageiras ainda importando mais para atender à demanda por farinha. A demanda por derivados do trigo segue apoiada por fortes hábitos de consumo, pela resiliência do mercado de trabalho e pelo avanço na renda real, fatores que sustentam a produção, venda e faturamento desses produtos.

Preços e Custos – Após recuperar as perdas registradas no segundo semestre de 2024, as cotações do trigo voltaram a recuar a partir de abril de 2025. Esse movimento foi influenciado pela expectativa de produção estável na atual safra brasileira, pelo excesso de oferta no mercado internacional e pela demanda global enfraquecida.

No cenário doméstico, os custos de produção seguem pressionados, especialmente devido à contínua elevação nos preços dos principais fertilizantes, comprimido margens dos tricultores.

Na indústria, o preço da farinha de trigo, após perder força em 2023 e apresentar recuperação parcial em 2024 e 2025, favoreceu a rentabilidade dos negócios. Esse desempenho tem sido sustentado pela combinação entre a leve valorização do produto e a recente descompressão nos custos de aquisição do cereal. Por outro lado, a manutenção da taxa Selic em patamar contracionista por um período prolongado continua pressionando o custo do capital, tanto para os produtores quanto para a indústria.

Indicador do Trigo Cepea/Esalq

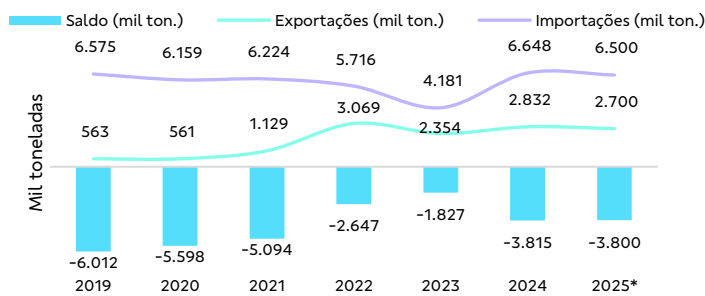


Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

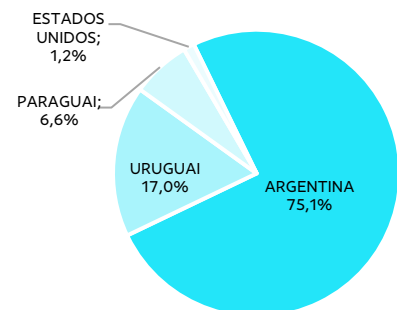
Mercado Externo – O Brasil importa historicamente a maior parte do trigo consumido, representando 55% do consumo interno em 2024, período que as importações evoluíram 59,0%. Dados mais recentes demonstram que a Argentina, principal fornecedora, atingiu o percentual de 75,0 % do total importado no 1º semestre de 2025.

Para o acumulado até o final de 2025, estima-se que serão adquiridos 6,5 milhões de toneladas de trigo do exterior, segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), o que representará redução de 2,2% em relação a 2024. Essa retração tem por razão a previsão de estabilidade na produção nacional na referida temporada, período em que é esperada queda de 0,5% no consumo, segundo a última previsão da Conab.

Apesar do Brasil ser importador da maior parte do trigo consumido, os produtores têm melhorado as vendas para outros países, tendo em vista que parte da produção nacional não atinge o padrão de panificação, sendo destinado para ração animal, inclusive no mercado externo. Em 2024, o avanço das exportações foi de 20,3%, atingindo 2,8 milhões de toneladas, e, para 2025, a projeção do USDA é de que haja redução de 4,7% diante de melhora no padrão de produção nacional.

Balança Comercial do Trigo
Acumulado/Ano

*2025 = Projeção USDA
Fonte: Secex e Agrostat
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Importações de Trigo por Origem
Acumulado Jan-Jun/2025

Fonte: Secex e Agrostat
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Cana-de-Açúcar

O ciclo da cana-de-açúcar na safra 2025/26, iniciado em abril de 2025, tem produção estimada em torno de 663,4 milhões de toneladas, conforme último levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), em abril de 2025, o que representa retração de 23,6 milhões de toneladas frente à safra anterior. O início do ciclo de desenvolvimento da safra no segundo semestre de 2024 foi muito afetado pelas temperaturas mais elevadas e estiagem mais prolongada do final do ciclo do El Niño, além de focos de incêndio que refletiram negativamente nas áreas em desenvolvimento e de rebrota das lavouras de cana, em especial no Sudeste, que é a principal região produtora do país (91% da produção).

Assim, mesmo com a retomada gradual das chuvas no final de 2024 e início de 2025 trazendo algum alívio às lavouras, o menor rendimento na cultura já estava pronunciado.

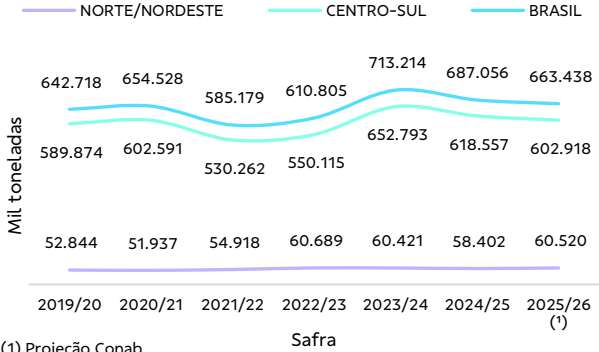
Desempenho do Setor

Cana-de-Açúcar	2024/25*	2025/26*
Produção (mil ton.)	-5,1%	-3,4%
Produtividade (kg/ha)	-9,3%	-2,7%
Área (mil ha.)	6,2%	0,7%

Produção de Derivados	2024/25*	2025/26*
Açúcar	-1,8%	+2,3%
Etanol de Cana	-1,2%	-4,2%

*Fonte: Conab
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito.

Produção de Cana-de-Açúcar



(1) Projeção Conab
Fonte: Conab
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Produção de Açúcar

Segundo a Conab, a produção de açúcar conta com expectativa de crescimento de 2,3% na temporada, perfazendo o total de 45,9 milhões/ton. do adoçante, mesmo com a menor produção de cana-de-açúcar na safra que deverá ter redução de 3,4% comparando-se a 2024/25. A melhora nos níveis de precipitação no final do ano passado trouxe ao mercado a expectativa de maior extração do açúcar total recuperável da cana, permitindo ganho de produtividade e um mix ainda mais açucareiro.

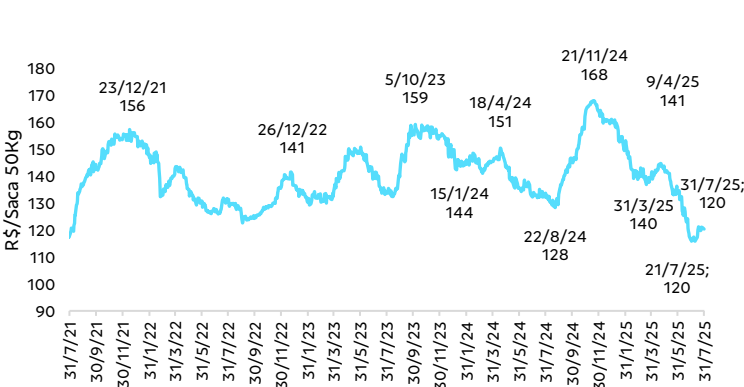
De acordo com especialistas do setor, a produção de açúcar deve representar cerca de 51% da cana processada na safra 2025/26 e o Brasil deverá continuar na liderança do mercado como maior produtor e exportador mundial de açúcar, com o suporte das inovações tecnológicas e práticas agrícolas eficientes, respondendo de forma robusta à crescente demanda global por açúcar.

Cotações do Açúcar – A alta apontada nos preços ao longo do segundo semestre de 2024 decorreu dos efeitos nocivos do clima sobre as lavouras de cana (estiagem e temperaturas elevadas), além de focos de incêndio pontuais em algumas das áreas produtoras do Centro-Sul brasileiro e pragas nas lavouras, o que agregou riscos às expectativas de produtividade e de oferta do adoçante naquele momento, que já convivia com uma oferta mais restrita em grandes produtores como Índia e Tailândia.

Entretanto, a retomada das chuvas no Brasil no final de 2024 e o clima mais ameno trouxeram algum alívio aos produtores que aproveitaram as últimas semanas do ano para aumentar o processamento da cana na fase final de colheita do ciclo 2024/25, o que colaborou para o início do movimento de correção das cotações.

No mais, a expectativa de melhor produção de cana-de-açúcar em importantes produtores globais – Índia, Tailândia e outros do hemisfério norte – já refletem em expectativa de maior oferta do adoçante e continuidade do movimento de queda nos preços ao longo de 2025.

Indicador do Açúcar Cristal - Cepea/Esalq São Paulo



Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Exportações – As remessas externas de açúcar brasileiro apresentou comportamento robusto em 2024, com exportações atingindo novo recorde anual. Entre janeiro e dezembro de 2024, o Brasil exportou 38,2 milhões de toneladas de açúcar, gerando receita de US\$ 18,6 bilhões. Esse volume supera em 21,7% o total exportado em 2023, que foi de 31,4 milhões de toneladas. A demanda externa adicional foi impulsionada pelas restrições de exportação de açúcar da Índia e pela Indonésia. Com a Índia fora do mercado internacional, o Brasil conseguiu ampliar suas exportações, aproveitando os estoques da produção recorde da safra 2023/24.

Para 2025, projeta-se retração nas exportações brasileiras de açúcar, diante do retorno da Índia ao mercado internacional e da recuperação da produção em países do hemisfério norte. Esses fatores geram preocupação entre os operadores do mercado, uma vez que esses concorrentes podem ocupar parte dos mercados atualmente atendidos pelo Brasil. Além disso, a tarifa americana de 50% ao açúcar brasileiro, aliada a perspectiva de queda nos preços internacionais da commodity tende a impactar negativamente o faturamento do setor exportador.

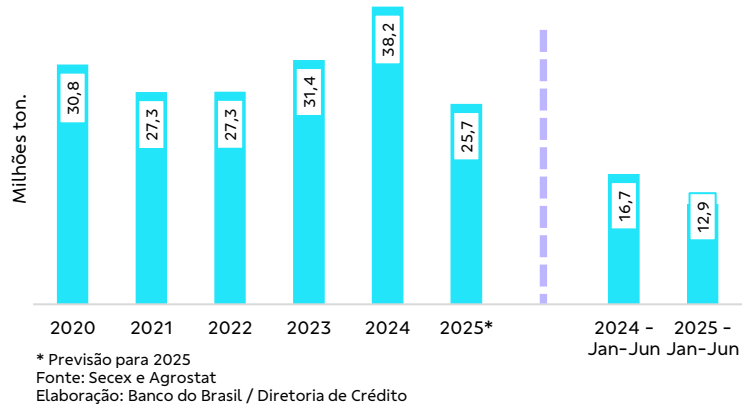
Produção de Etanóis

Com o mix mais açucareiro, a produção brasileira de etanol de cana-de-açúcar no atual ciclo apresenta tendência de retração de 4,2%, com montante produzido de 28,1 bilhões de litros, sendo 16,7 bilhões de litros de etanol hidratado e 11,4 bilhões de litros de etanol anidro, conforme dados da Conab. Com a produção de etanol abaixo da necessidade de mercado, é esperada que a demanda seja complementada com etanol procedente do milho.

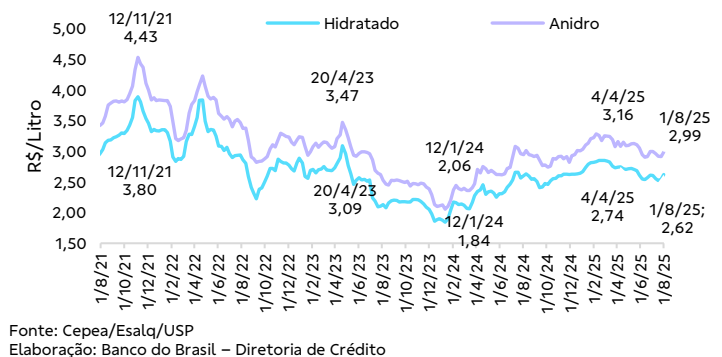
Cotações do Etanol – Os preços dos etanóis hidratado e anidro de cana-de-açúcar apresentaram relativa estabilidade ao longo do segundo semestre de 2024, ainda que com alguma volatilidade, conforme dados do Cepea. Esse comportamento errático dos preços tem se mantido ao longo de 2025, agora com tendência baixista, mesmo diante da queda esperada na produção de etanol a partir da cana. A estabilidade nas cotações reflete, em parte, a crescente disponibilidade de etanol de milho, que tem complementado a oferta do biocombustível no mercado interno. Vale destacar que o milho já responde por mais de 20% da composição do etanol produzido no Brasil, reforçando seu papel estratégico na matriz de combustíveis renováveis.

Os custos de produção de açúcar e etanol na safra 2025/26 foram significativamente pressionados, sobretudo devido aos gastos adicionais com replantio, motivados pelas estiagens e pelas perdas causadas por queimadas no segundo semestre de 2024. Esses fatores comprometeram as margens financeiras em todas as etapas da cadeia produtiva, e seus efeitos ainda se refletem nos custos operacionais atuais.

Exportações de Açúcar

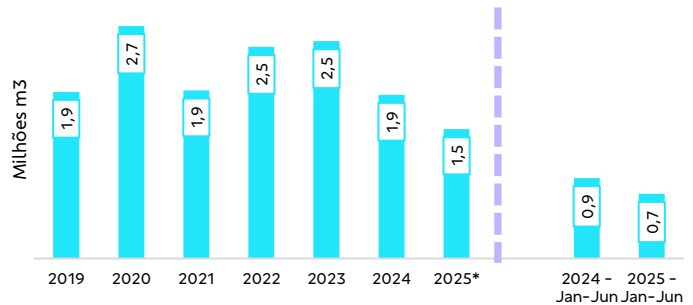


Cotação Semanal do Etanol Cepea/Esalq



Exportações de Etanol

Exportações – No caso do etanol, Em 2024, as exportações registraram queda de 24,7%, totalizando 1,9 bilhão de litros no ano. A Coreia do Sul manteve-se como principal destino, absorvendo 41,5% do volume exportado, seguida pelos Estados Unidos (16,5%) e pela Holanda (8%). Apesar da competitividade do etanol brasileiro continuar elevada, fatores como o redirecionamento da produção para o açúcar, o aumento da demanda interna impulsionada pela transição para uma economia de baixo carbono e os ajustes no equilíbrio entre oferta e demanda nacional têm contribuído para a redução dos embarques ao exterior — tendência que deve se manter em 2025.

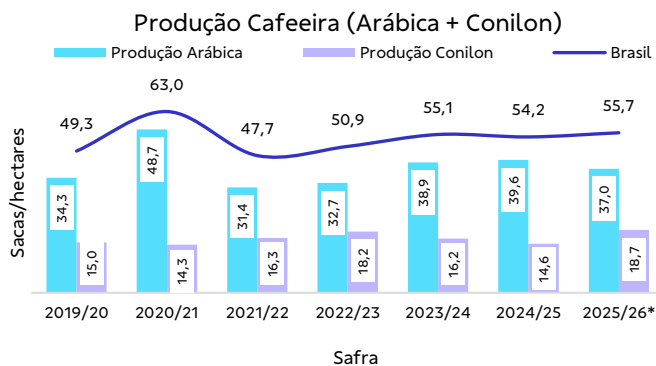


* Previsão para 2025
Fonte: Secex e Agrostat
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Diante das medidas protecionistas adotadas pelos Estados Unidos, é importante destacar que o etanol representa apenas 1,9% das exportações brasileiras para aquele país, não figurando entre os principais produtos da pauta. No entanto, o Brasil mantém presença relevante no mercado norte-americano com outros itens do setor sucroenergético, como o açúcar bruto, o álcool etílico e o açúcar refinado. Nesse contexto, o aumento da tributação representa um risco significativo para as usinas que têm forte dependência do mercado dos EUA, podendo comprometer sua competitividade e margens de exportação.

Café

Após queda na produção da safra 2024/25, o 2º Levantamento da Safra 2025/26 da Conab estima produção de 55,7 milhões de sacas de café beneficiado nas especialidades arábica e conilon, o que representa aumento de 2,7% da produção total de café.



(*) Projeção.
Fonte: Conab – 2º Levantamento da Safra de Café 2025/26 – mai/2025
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Desempenho no Campo

Café – Safra 2025/26*	Arábica	Conilon
Produção (mil ton.)	-6,6%	27,9%
Produtividade (kg/ha)	-5,1%	28,3%
Área em produção (ha)	-1,6%	-0,3%

*Previsão
Fonte: Conab – Projeção de Safra 2025/26.
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Com 90% da produção brasileira total de café colhida até o final de julho, o maior destaque está na especialidade conilon, com 98% já colhidos e expectativa de crescimento de 27,9% na produção. O bom desempenho da especialidade é reflexo da melhora gradual do clima no segundo semestre de 2024, com maior volume pluviométrico que viabilizou a emissão das primeiras floradas.

No caso do arábica, cuja colheita alcançava 85% da safra no final do último mês, espera-se redução de 6,6% sobre a produção da safra 2024/25, haja vista a influência dos períodos de menor precipitação e altas temperaturas que antecederam as fases iniciais da floração das lavouras no segundo semestre de 2024, além do ciclo de bionalidade baixa da temporada.

A indústria brasileira de cafés solúveis e torrados segue em expansão gradual, puxada pelo consumo interno crescente, porém ainda incipiente. O consumo interno atingiu 21,9 milhões de sacas industrializadas em 2024, incremento de 1% frente a 2023, estimulado pela crescente abertura de redes de cafeteria pelo país. Porém, a trajetória de elevação dos preços ao longo de 2024 provocou retração de 2% no consumo per capita, refletindo no indicativo de 6,26 kg/hab/ano de café verde e 5,01 kg/hab/ano de café torrado e moído. No entanto, ainda que o volume de café exportado seja na forma *in natura* (grão verde), o Brasil vem ampliando a participação das vendas de café industrializado no mercado externo.

Cotações do Café – A trajetória ascendente nas cotações do café ao longo de 2024 e início de 2025 é fruto da queda na oferta, diante da menor produção observada durante a última safra (2024/25), em decorrência de problemas climáticos no período.

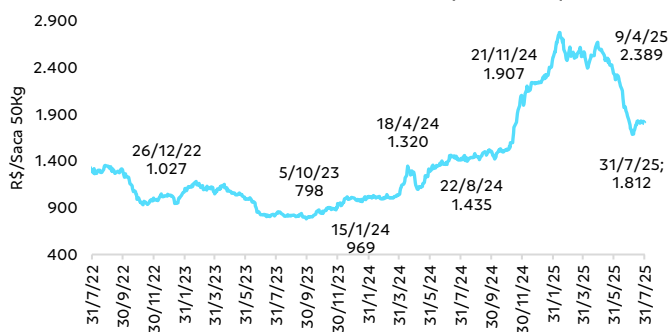
Entretanto, já vem sendo observada queda nos preços no arábica e no conilon nos últimos meses. No caso da especialidade conilon, a recuperação nos níveis de produção no Sudeste Asiático, mais precisamente no Vietnã e Indonésia, e a expectativa de uma safra maior no Brasil, acima do volume inicialmente projetado pela Conab, reforça o movimento de desvalorização. Para o arábica, a recuperação da produção na Colômbia, na América Central e em menor volume nos países africanos, favoreceram a queda nos preços. Além dos aspectos elencados anteriormente, o avanço da colheita continua pressionando as cotações de ambos os tipos de café. No mais, as tarifas aduaneiras dos EUA também tende a refletir na cotação, especialmente do arábica.

Após período de margens favorecidas durante 2024, observa-se perda de força com a retração nos preços aos produtores e custos com insumos e fertilizantes mostrando-se elevados, ainda que a cotação do café esteja em patamares historicamente altos que rentabiliza o produtor. Outro fator que tem pesado nos custos de produção são as despesas de logística interna (baixa capacidade de armazenamento entre outros) e externa (frete marítimos mais caros, gerado pelos conflitos no Oriente Médio).

Em que pese as margens de rentabilidade ainda atrativas no campo, a indústria brasileira beneficiadora de café, por outro lado, segue com margens mais apertadas em decorrência dos insumos ainda encarecidos (café), refletindo negativamente na lucratividade das empresas e em maiores preços ao consumidor final.

Menciona-se que o mercado externo tem sido considerado o principal ponto de apoio para a recomposição das margens financeiras da cadeia produtiva, embora as tarifas de 50% sobre importação nos EUA adiciona preocupação quanto à manutenção do ritmo dos negócios no mercado americano, de redirecionar a produção, sustentar preços e rentabilizar o setor.

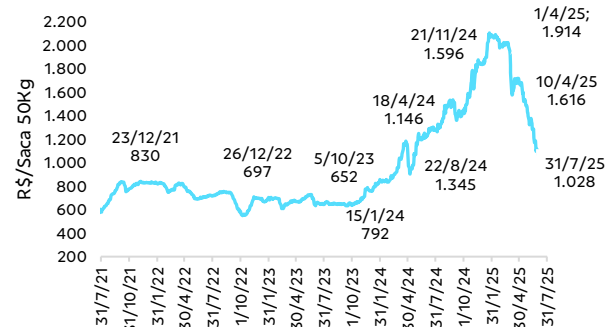
Indicador Café Arábica - Cepea/Esalq



Fonte: Cepea/Esalq/USP

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Indicador Café Conilon - Cepea/Esalq



Fonte: Cepea/Esalq/USP

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Exportações – Em 2024, o Brasil exportou 46,4 milhões de sacas de 60 kg de café verde, nas modalidades arábica e conilon. Esse volume corresponde a incremento de aproximadamente 30,4% na comparação com igual período de 2023, segundo os dados disponibilizados pela Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), e compilados pelo Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé). A trajetória das exportações brasileiras de café superou o recorde registrado no ano de 2020, quando o país exportou 40,5 milhões de sacas de 60 kg de arábica e conilon. Adicionando as remessas de café torrado, a exportação total da cadeia produtiva do café encerrou o ano em 50,6 milhões de sacas, incremento de 12,7% frente a 2023. Do montante exportado, segundo o Cecafé, o café arábica representou 74%, com remessa de 37,3 milhões de sacas no período. Já a especialidade conilon representou 18,7%, totalizando 9,4 milhões de sacas. Os adicionais, que representam 7,3% das exportações, correspondem as remessas de café torrado e café solúvel.

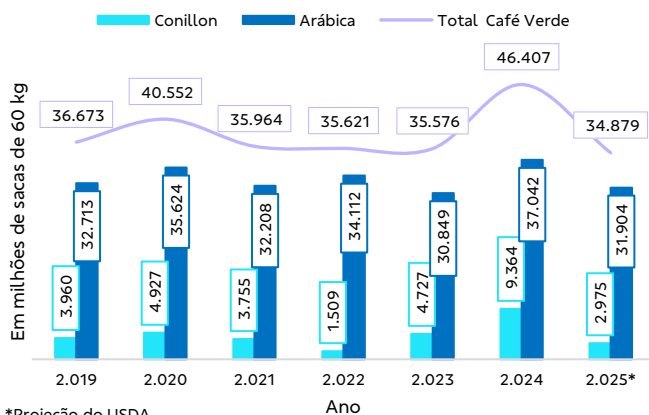
No entanto, de janeiro a junho de 2025, as remessas de café verde e industrializado perderam força, sendo observada retração de 17,4% em relação ao volume exportado do mesmo período do ano passado. A menor produção no último ciclo, aliado a recuperação em importantes produtores e, em alguma medida, os efeitos iniciais da política comercial nos EUA são fatores associados a piora no desempenho.

Ademais, dificuldades logísticas quanto aos fretes marítimos têm provocado atrasos nos embarques de café, gerando preocupação dos *traders* em razão de perdas de receitas e incidência de custos extras associados com armazenagens adicionais. Apenas em junho de 2025, o Brasil deixou de embarcar 453.864 sacas de café verde — cerca de 1.375 contêineres por causa da saturação da infraestrutura portuária, segundo levantamento do Cecafé. Esse volume representa um prejuízo direto de R\$ 3,002 milhões para os exportadores, que tiveram de arcar com custos extras de armazenagem, demurrage (*detention*), *pré-stacking* e antecipação de *gates*.

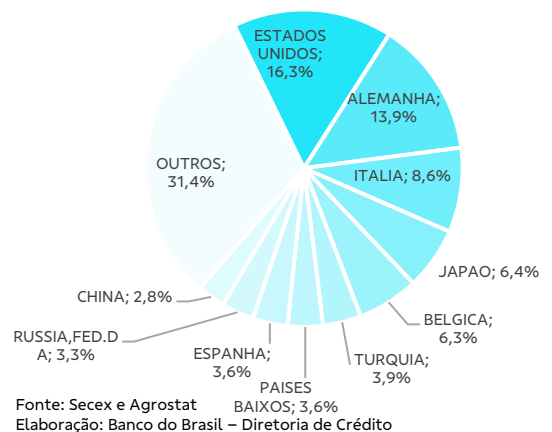
Em relação as tarifas de 50% impostas pelo governo dos EUA às importações originadas do Brasil, destaca-se que o setor nacional exporta 63% da produção, destinando 16% das remessas para o país norte americano. O contexto desafia o setor e exige esforços de abertura de novos mercados, como no sudeste asiático, e, nesse sentido, foi noticiado recentemente que a China habilitou 183 novas empresas brasileiras para exportação de café.

No mais, atenção deve ser dada aos desafios em termos de sustentabilidade e regulação para acessar mercados exigentes, como da União Europeia, com necessidades crescentes de rastreabilidade no setor para evitar desmatamento, além de esforços para redução de emissão de gases de efeito estufa. Os impactos devem ser amenizados para o agronegócio brasileiro caso o Acordo entre Mercosul e UE, de livre comércio entre os blocos, seja referendado pelo bloco europeu.

Exportações de Café Arábica e Conilon



Exportações de Café Verde por Destino Acumulado - Jan-Jun/2025

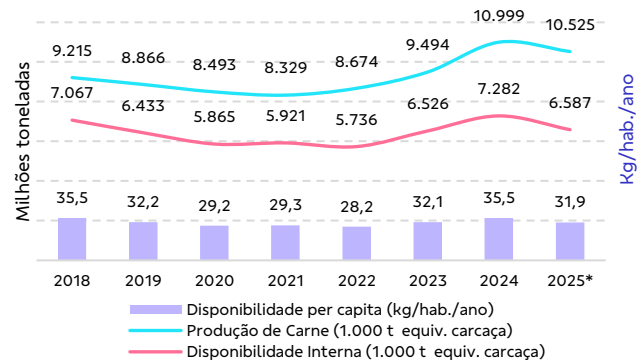


Destaques – Proteínas Animais

Bovinos

O ano de 2024 foi marcado pelo elevado volume dos abates de animais, característico do ciclo pecuário de maior descarte de matrizes, iniciado em 2022, que refletiu em retração das cotações do boi e, consequentemente, nas margens de rentabilidade dos produtores. Por outro lado, os frigoríficos se beneficiaram com custos mais baixos de insumos e pelo aumento do consumo interno em consequência da melhora da renda das famílias. Conforme estatísticas da Conab, a produção brasileira de carne bovina apresentou incremento de 15,8% no período e, de acordo com estimativas do USDA, o Brasil segue como o 2º maior produtor de carne bovina, com 20,1% do mercado mundial.

Oferta de Carne Bovina e Disponibilidade



Fonte: Conab
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

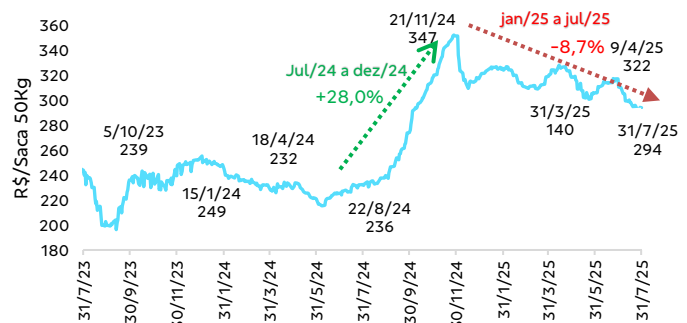
De acordo com a mesma entidade, a sinalização de reversão do ciclo pecuário com retenção de matrizes, já iniciado no segundo semestre de 2024, reflete em estimativas de menor oferta de animais para abate em 2025, com queda na produção da proteína em 4,3% no ano.

Porém, chama a atenção o fato de que, apesar da crescente menor disponibilidade de animais para abate e a dinâmica de reversão já sinalizada, os números recentes de abates de fêmeas ainda são expressivos. A forte demanda, em especial a externa, é o principal estímulo para os pecuaristas seguirem em ritmo alto de descarte. A expectativa é que a participação das fêmeas no abate comece a cair ao longo deste semestre, sinalizando uma virada no ciclo pecuário e uma possível redução na oferta de carne.

Preços e Custos – Diante da reversão do ciclo pecuário, o mercado passou a precificar uma valorização da arroba do boi gordo no segundo semestre de 2024. Entre julho e dezembro daquele ano, o preço registrou um incremento de 28%. No entanto, a partir do final de 2024, o persistente volume elevado de abates, aliado à demanda interna enfraquecida — típica do início do ano — exerceu pressão baixista sobre as cotações.

Por outro lado, a demanda externa segue aquecida, com destaque para as exportações à Ásia e ao Oriente Médio, sendo também um vetor importante para sustentação dos preços valorizados, ainda que entre janeiro e julho de 2025, as cotações médias apresentaram queda de 8,7%.

Preço do Boi Gordo à Vista – Cepea/B3



Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Na passagem de junho para julho de 2025, a queda nos preços foi de 4,5%, com indícios de influência das tarifas americanas sobre importações já estarem refletindo em expectativas de maior oferta, além do fato de negócios com o mercado americano já estarem acontecendo com preços mais flexibilizados para manutenção das vendas.

De maneira geral, os preços dos animais ainda valorizados representam custo alto e desafios para os frigoríficos em relação à capacidade de repasse dos preços ao consumidor, podendo refletir em margens financeiras mais restritas. Assim, espera-se uma postura mais contundente da indústria frigorífica sobre os pecuaristas a fim de reduzir a pressão sobre a rentabilidade dos negócios.

Na criação, os custos também seguem elevados, impulsionados principalmente pelos preços valorizados dos bezerros e pelos insumos veterinários e sanitários importados, cujos valores são sensibilizados pelo câmbio depreciado. Por outro lado, a queda recente no preço do milho, insumo essencial na suplementação alimentar, tem contribuído para aliviar parte da pressão sobre as margens de rentabilidade no campo.

Exportações – O Brasil permanece como maior fornecedor mundial de proteína bovina, detendo 28,7% das remessas globais no período de janeiro a junho de 2025. Os embarques de carne bovina brasileira mostram crescimento, em linha com a abertura de novos mercados aos frigoríficos nacionais e a ampliação dos existentes. No período, frente a 2024, o incremento no volume exportado foi de 13,6%. A expansão no exterior é uma forma de reação à estratégia do governo chinês, principal destino das remessas de cortes bovinos brasileiros, de reduzir as compras oriundas do Brasil, de modo a diminuir a dependência externa e os custos de importação. Ainda assim, a China continua sendo o principal destino da proteína brasileira, absorvendo em torno de 44% das remessas do país (dados acumulados de janeiro a junho de 2025). A demanda chinesa pela carne bovina segue aquecida, mesmo após a recuperação da produção interna de carne suína, principal proteína consumida pela população do país, que foi afetada pela Peste Suína Africana.

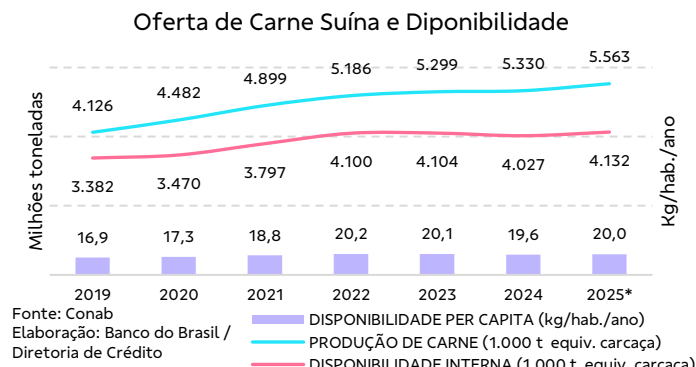
O anúncio, em maio de 2025, que o Brasil passou a ser país livre da febre aftosa, sem vacinação, evidenciou o diferencial no controle da sanidade animal e favoreceu ainda mais o acesso a novos mercados e as vendas no exterior, especialmente para países “altamente exigentes” como o Japão, Singapura e a Índia. Além disso, países como Filipinas e Indonésia manifestaram interesse em importar miúdos bovinos a partir do novo status sanitário.

Em relação as tarifas impostas pelo governo americano, os EUA são o 2º maior destino para as exportações de carne bovina do Brasil, sendo que o setor nacional exporta 32% da produção, destinando 8% das remessas para o país norte americano. Assim, a taxa de 50% às importações americanas oriundas do Brasil, que passou a vigorar recentemente, poderá causar impactos no faturamento e nas margens financeiras de companhias fornecedoras, principalmente quando houver concentração dos negócios naquele mercado. Por outro lado, consultorias brasileiras ligadas ao agronegócio apontam para a possibilidade de o setor de carnes alavancar negócios em outros mercados. Diante da taxa universal, o Brasil poderá assumir posição estratégica para países que buscam reduzir sua dependência de importação dos EUA.

O câmbio segue desvalorizado e favorável ao mercado exportador brasileiro, garantindo a competitividade em termos de preços, além da qualidade da proteína brasileira. Entretanto, o cenário esperado de menor oferta de animais pelo Brasil e as restrições no mercado americano apontam para redução nas vendas externas.

Suínos

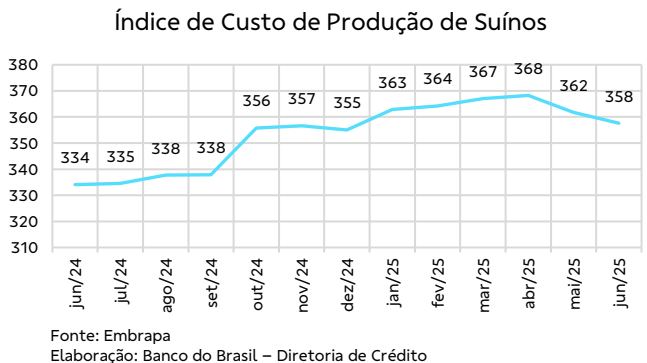
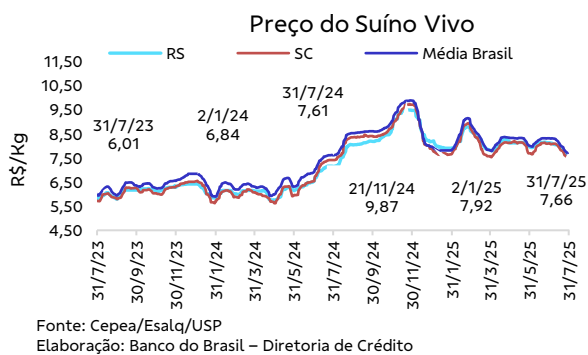
Na esteira da demanda externa aquecida, os frigoríficos de suínos encerraram 2024 com incremento da produção em 0,6%, segundo a Conab. No segundo semestre, o consumo interno também apresentou-se mais aquecido para a proteína suína em detrimento dos cortes bovinos que seguiam em trajetória de elevação de preços. Para 2025, a estimativa da Conab é de aumento aproximado de 4,4% no volume de cortes de suínos, devendo se manter próximo a 5,6 milhões de toneladas, o que seria recorde de produção.



A indústria nacional aposta na continuidade da atratividade da demanda externa como principal vetor para justificar o aumento da produção da proteína suína. Além disso, a manutenção de preços ainda valorizados para os cortes de bovinos devem seguir redirecionando o consumo para proteínas substitutas, de menor valor agregado e mais acessíveis às famílias. Nesse contexto, as projeções para a disponibilidade interna per capita apontam incremento em torno de 2,0% no ano.

Segundo o USDA e a partir de dados de produção estimados para 2025, o Brasil segue como o 4º maior produtor mundial de proteína suína (3,9% da produção global), ficando atrás apenas da China (48,9%), União Europeia (18,0%) e EUA (10,9%).

Preços e Custos – Em relação aos preços, o desempenho das exportações brasileiras, que seguem aquecidas, e a forte demanda interna, favorecida pela melhora no mercado de trabalho e na renda das famílias, vêm sustentando preços de comercialização do suíno vivo em patamares elevados, após máximas históricas observadas no 2º semestre de 2024. Além disso, o movimento de alta da proteína bovina, com o início da reversão do ciclo do boi, observada no mesmo período, redirecionou parte do consumo para suínos, mais acessíveis aos consumidores de baixa renda. Já a relativa estabilização dos preços desde o início do ano, ainda que com certa volatilidade, em parte é devida à demanda aquecida que fortalece a alta dos preços, porém o alto volume de abate observado no período, refletem em alguns movimentos de perda de força nas cotações.



Em relação aos custos de produção, o índice de custo da Embrapa mostrou retração de 1,1% entre maio e junho, enquanto entre junho de 2024 e junho de 2025 a elevação foi de 7,07%. Em doze meses, destaque para o avanço nos preços da ração animal (+3,8%), custo do capital (+16,4%) e no custo de transporte (+51,7%). Vale ressaltar que os gastos com genética e sanidade animal tiveram incrementos de 39,3% e 33,7%, respectivamente, devido ao reflexo da desvalorização cambial em 2024, embora sua participação na estrutura de custos da atividade equivale a apenas 5,5% do total. O peso da ração na composição dos custos de produção corresponde hoje a 71,1%, o que explica o avanço no custo ao longo de 2024, quando o milho apresentava recuperação de preços, e a queda recente no custo diante da baixa na cotação da commodity nos últimos meses.

Mercado Externo – De janeiro a junho de 2025, o Brasil apresentou o maior volume de exportações no comparativo ao mesmo período desde 2022. Nesse acumulado de 2025, comparativamente ao mesmo período do ano anterior, o incremento atingiu 18,6%. As remessas de carne suína no período com destino à China e Hong Kong, juntas, totalizaram 22,7%. Contudo, a demanda chinesa pelo produto vem se reduzindo paulatinamente em decorrência da recuperação do plantel daquele país, embora o país asiático continue sendo o principal destino da proteína suína brasileira.

Em meio a esse cenário, o Brasil tem trabalhado na ampliação das parcerias internacionais, negociando a abertura de novos mercados e a expansão dos existentes, como ocorreu durante o ano de 2024, com destaques para as vendas às Filipinas, México, Chile, Rússia e países do Oriente Médio, como a Arábia Saudita, Iraque e Emirados Árabes Unidos. Entretanto, os conflitos geopolíticos entre Rússia e Ucrânia e as tensões no Oriente Médio seguem exigindo atenção, tendo em vista os potenciais impactos sobre a demanda, além de maiores custos com a logística de transporte e distribuição do produto.

A competitividade brasileira no mercado internacional tem sido favorecida pelo câmbio desvalorizado e pela perda de espaço da União Europeia no mercado, que enfrenta desafios internos, como normas restritivas de bem-estar animal e altos custos de produção, além de problemas de sanidade animal com a proliferação de casos de Peste Suína Africana (PSA) em alguns países europeus.

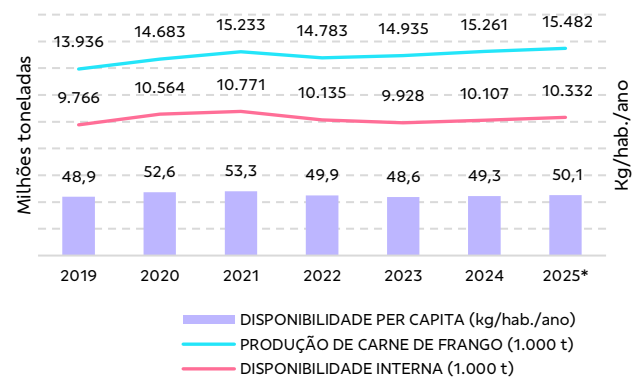
Além disso, o Brasil se destaca pela qualidade da carne produzida e pelo rigoroso controle fitossanitário, mantendo o status de país livre de PSA desde 1988. Esses atributos ampliam a aceitação do produto em mercados exigentes como Japão, México e Filipinas.

As tarifas impostas pelos EUA sobre importações não devem afetar o segmento, uma vez que as vendas para aquele país são pouco representativas. A disputa comercial dos EUA com a China poderá beneficiar o Brasil, que pode voltar a elevar suas vendas de produtos da cadeia produtiva para o mercado chinês, além de obter novos mercados para a proteína brasileira por países que desejem buscar alternativas ao suíno norte-americano.

Frango

O relatório mensal de desempenho do agronegócio brasileiro (AgroConab), de junho de 2025, confirma que, apesar dos ajustes provocados pela gripe aviária nos volumes exportados em maio e junho de 2025, as expectativas de crescimento da produção e do consumo interno de proteína avícola permanecem positivas. Após o foco confirmado em uma granja comercial no Rio Grande do Sul em maio, o Brasil adotou medidas rigorosas de contenção, incluindo abate sanitário, bloqueios sanitários e vigilância ampliada. Com o fim do vazio sanitário em junho, o país foi oficialmente declarado livre da gripe aviária em criações comerciais, o que permitiu a retomada gradual das exportações para mercados estratégicos e, também, a manutenção da tendência de maior consumo do mercado interno pela proteína avícola, uma vez que a reversão do ciclo da bovinocultura reflete em preços valorizados nos cortes bovinos, levando a substituição por proteína de frango e suínos.

Oferta de Carne de Frango e Disponibilidade



Fonte: Conab
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

De acordo com o USDA, o Brasil se manteve entre os três maiores produtores mundiais da carne de frango em 2024, com 17,7% da produção, atrás da China em apenas 0,3 ponto percentual (p.p.). Os EUA seguem na liderança, detendo 25,2% da produção mundial.

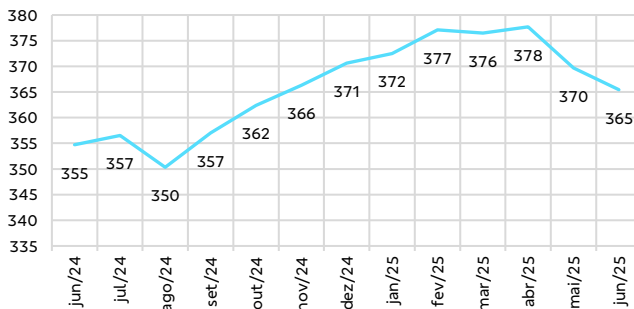
Custos e Preços – O índice do custo de produção de frangos no Brasil, segundo a Embrapa, apresentou incremento de 2,8% entre junho de 2024 e junho de 2025. Em doze meses, os custos com ração, genética animal e sanidade foram os que mais cresceram no período, com aumentos de 7,2%, 17,2%, 9,02%, respectivamente, além do custo do capital, com incremento de 13,0%. Da composição total dos custos de produção animal, os itens listados representaram aproximadamente 80% do total, sendo ração animal equivalente a 66%.

O preço do milho, insumo básico da ração animal na avicultura, apresentou movimento de alta até março de 2025, sendo o principal responsável pela elevação do custo do frango nos últimos doze meses. Entretanto, a queda na cotação no período mais recente provocou descompressão nos custos a partir de abril.

Apesar de certo alívio com a baixa nos preços do milho, os gastos nas granjas ainda segue em patamar elevado, impactando também os custos de aquisição de animais por parte dos frigoríficos, principalmente daqueles que não trabalham em sistema de integração. No entanto, o poder de negociação dos frigoríficos tende a retirar margem dos produtores, que enfrentam dificuldades de repassar os custos para a indústria.

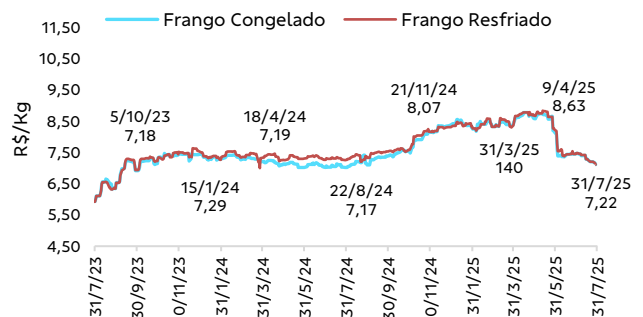
Em referência aos preços da carne de frango, observou-se trajetória de alta até abril de 2025, mostrando aquecimento da demanda e forte ritmo de consumo, além de capacidade de repasse dos preços na indústria e no varejo. Já a queda observada a partir de maio está associada aos efeitos dos embargos à carne de aves brasileira após a confirmação do caso de gripe aviária. Embora o Rio Grande do Sul tenha normalizado sua situação sanitária no final de junho, a pressão baixista persiste no curto prazo, resultado de um excedente formado pela limitação temporária das vendas ao exterior.

Índice de Custo de Produção de Frangos



Fonte: Embrapa
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Preço do Frango Cepea/Esalq – SP



Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Mercado Externo – A demanda externa iniciou 2025 aquecida e impulsionando as exportações nacionais. O câmbio desvalorizado, a qualidade da proteína brasileira, a abertura de novos mercados e o rígido controle fitossanitário da produção nacional, dentre outros fatores, favoreceram as vendas externas.

A China é o principal parceiro comercial do Brasil. No acumulado de 2024, o volume das remessas brasileiras para o país asiático correspondeu a 10,9% do total exportado de frangos. Além da China, os principais destinos das remessas brasileiras são Emirados Árabes Unidos, Japão, Arábia Saudita, África do Sul, Filipinas, México e Iraque, com o país ampliando as parcerias internacionais e a abertura de novos mercados, destacando o recém protocolo assinado com a China para exportações de miúdos de aves, carne de pato e de peru.

Com a detecção da ocorrência de um caso de gripe aviária em granja comercial no Rio Grande do Sul, o Brasil e os importadores acionaram os protocolos de segurança fitossanitária, iniciando processo de suspensão de importações oriundas do mercado brasileiro. Com isso, as exportações de carne de frango na passagem mensal de junho de 2025 apresentaram redução de 13,9% em termos de volume.

Com a suspensão dos embargos pela maioria dos países consumidores, é esperado que o Brasil normalize suas exportações no decorrer deste semestre e ainda supere o montante de 2024.

Conflitos geopolíticos, em especial as tensões no Oriente Médio, seguem no radar do setor, tendo em vista que vários destinos das remessas brasileiras estão na região. Consultores do setor recomendam também a ampliação dos destinos das exportações para mitigar riscos ligados à oscilação do real e à instabilidade de compradores tradicionais, como China e Rússia.

Por fim, o Brasil segue atento ao impacto das medidas protecionistas dos EUA no comércio global, ainda que a participação dos EUA nas remessas do país seja inexpressiva. As tensões comerciais podem beneficiar o comércio de aves com agentes externos redirecionando suas compras para o mercado brasileiro, uma vez que o Brasil pode ser visto como alternativa para que esses países reduzam sua dependência do mercado norte-americano.

Destaques – Insumos Agrícolas

Apesar dos avanços registrados ao longo da safra 2024/2025, que se aproxima do encerramento, e da reconhecida importância estratégica da agricultura para a economia nacional, o macrossetor de insumos agrícolas ainda enfrenta obstáculos que impedem um desempenho mais consistente. Entre os principais desafios, destaque para a recuperação ainda incipiente da rentabilidade e da saúde financeira de parte dos produtores rurais, sobretudo daqueles menos capitalizados e dos localizados em regiões com maiores incidências climáticas adversas. Esse cenário é agravado pelo elevado custo de capital, que continua a restringir investimentos e a limitar, de forma estrutural, o crescimento dos diversos elos da cadeia produtiva. Adicionalmente, a tarifação imposta pelos Estados Unidos às exportações brasileiras tende a impactar negativamente segmentos específicos do agronegócio, gerando incertezas comerciais e exigindo maior capacidade de adaptação por parte dos agentes do setor.

As projeções mais recentes, divulgadas em julho, indicam um crescimento de 7,0% nas vendas de fertilizantes ao longo de 2025. O ano começou com uma demanda firme e ritmo acelerado de compras por parte dos produtores, que anteciparam cerca de 61% das aquisições entre janeiro e junho, visando o uso no semestre atual. A demanda consistente do agronegócio brasileiro sustenta perspectivas positivas para o setor. A safra recorde de 2024/25, favorecida por condições climáticas ideais, elevou a renda no campo e intensificou a necessidade de reposição de nutrientes, impulsionando as vendas de insumos. Apesar do cenário mais otimista, cautela maior às distribuidoras que atuam nos mercados de varejo e atacado, onde a volatilidade de preços e a gestão de estoques exigem atenção estratégica.

O Brasil segue como o maior consumidor mundial de defensivos agrícolas e as vendas do segmento cresceram 3,0% em 2024, com projeções indicando avanço semelhante em 2025, segundo estimativas do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal (Sindiveg). Esse crescimento é impulsionado pela expansão contínua da área plantada, pela emergência de novas pragas e pela intensificação das aplicações nas lavouras, especialmente em culturas como soja, milho e algodão.

No mercado de sementes, a produção está alinhada com a expansão das principais culturas agrícolas e a crescente adoção de organismos geneticamente modificados (OGM). Estima-se que as vendas em 2025 continuarão a crescer. Por outro lado, a falta de um marco legal claro para novas tecnologias limita o avanço da inovação no setor e favorece a proliferação de sementes “piratas” no caso específico de soja. Esse contexto sujeita as empresas do setor a concorrência desleal, com reflexos no ritmo de atividades e nas margens financeiras.

Em relação às empresas de máquinas e implementos agrícolas, desafios significativos foram enfrentados nos últimos anos, diante de um contexto mais restritivo no desempenho de produtores rurais e da taxa de juros em patamar contracionista, o que refletiu em adiamento nos investimentos no campo e na produção e vendas do setor. Em 2025, com a melhora na safra 2024/25, as vendas em quantum do primeiro semestre de 2025 cresceram 19,1% em comparação com o mesmo período do ano anterior, segundo informações da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq). Entretanto, o nível de recuperação no ano ainda deve se mostrar insuficiente para recuperar plenamente o desempenho ruim dos últimos anos. No mais, as maiores tarifas sobre importações nos EUA também tendem a afetar o setor no Brasil, haja vista que 17% da produção é exportada, sendo 10% destinada ao país estadunidense.

Destaques – Tarifa americana sobre as exportações do agronegócio brasileiro

A partir de agosto de 2025, os Estados Unidos passaram a aplicar uma tarifa adicional de 40% sobre diversos produtos brasileiros, elevando a alíquota total para 50%. A medida foi oficializada por ordem executiva do presidente americano, sob a justificativa de que determinadas ações do governo brasileiro seriam prejudiciais à segurança nacional e à economia.

Embora a nova tarifação impacta grande parte das exportações brasileiras, a ordem contempla uma lista de exceções com aproximadamente setecentos produtos — incluindo suco de laranja, combustíveis, aeronaves civis e madeira. Essas exclusões oferecem algum alívio a setores estratégicos, especialmente no agronegócio, como os produtores de laranja e derivados.

Entretanto, produtos relevantes do setor agroexportador estão sujeitos à nova alíquota, como o café não torrado (63% da produção é exportada, sendo 16% destinada aos EUA), carne bovina (32% da produção é exportada, sendo 8% destinada aos EUA), etanol (5% da produção é exportada, sendo 17% para os EUA), o açúcar (88% da produção é exportada, sendo 2% destinada aos EUA) entre outros produtos como a fruticultura, piscicultura e apicultura. Vale destacar que, segundo estimativas da agência Estado, cerca de 82% das exportações do agronegócio brasileiro para os EUA ficaram sujeitas à tarifa de 50%, o que pode comprometer margens de lucro, reduzir a competitividade e impactar negativamente a balança comercial.

Empresas exportadoras para os EUA, como *tradings* de café e frigoríficos, já projetam queda de receita e iniciaram a busca por mercados alternativos. O governo brasileiro, por sua vez, iniciou negociações diplomáticas para ampliar a lista de exceções e mitigar os efeitos da medida.

De acordo com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), as perdas potenciais para o setor podem alcançar US\$ 5,8 bilhões. A projeção indica uma redução de até 50% nas exportações brasileiras para os EUA, com impactos mais severos sobre produtos de alto valor agregado.

Além da potencial perda de competitividade frente a países com acordos comerciais mais favoráveis com os Estados Unidos, a continuidade da política tarifária representa riscos nas cadeias produtivas brasileiras voltadas ao mercado americano e maior vulnerabilidade de pequenos e médios produtores, especialmente em regiões dependentes da exportação. Ações coordenadas entre governo, setor produtivo e entidades representativas, com foco na preservação da competitividade, na diversificação de mercados e na mitigação dos impactos socioeconômicos serão necessárias.

Disclaimer

- LEIA O FORMULÁRIO DE INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES, A LÂMINA DE INFORMAÇÕES ESSENCIAIS, SE HOUVER, E O REGULAMENTO ANTES DE INVESTIR.
- DESCRIÇÃO DO TIPO ANBIMA DISPONÍVEL NO FORMULÁRIO DE INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES.
- RENTABILIDADE OBTIDA NO PASSADO NÃO REPRESENTA GARANTIA DE RESULTADOS FUTUROS.
- O INVESTIMENTO EM FUNDO NÃO É GARANTIDO PELO FUNDO GARANTIDOR DE CRÉDITO – FGC.
- A RENTABILIDADE DIVULGADA NÃO É LÍQUIDA DE IMPOSTOS.
- PARA AVALIAÇÃO DA PERFORMANCE DE UM FUNDO DE INVESTIMENTO, É RECOMENDÁVEL A ANÁLISE DE, NO MÍNIMO, 12 (DOZE) MESES.
- A BB ASSET SE EXIME DE QUALQUER RESPONSABILIDADE POR QUAISQUER PREJUÍZOS, DIRETOS OU INDIRETOS, QUE VENHAM A DECORRER DA UTILIZAÇÃO INDEVIDA DESTES MATERIAIS OU SEU CONTEÚDO.
- ESTE MATERIAL É DISTRIBUÍDO UNICAMENTE A TÍTULO INFORMATIVO, E NÃO DEVE SER CONSIDERADO ISOLADAMENTE PARA TOMADA DE DECISÃO DE INVESTIMENTO. TEM COMO OBJETIVO AUXILIAR O CLIENTE EM SUAS DECISÕES DE INVESTIMENTO, NÃO CONSTITUINDO QUALQUER TIPO DE OFERTA OU SOLICITAÇÃO DE COMPRA E/OU VENDA DE QUALQUER PRODUTO. ANTES DE QUALQUER DECISÃO, O CLIENTE DEVERÁ REALIZAR O PROCESSO DE SUITABILITY E CONFIRMAR SE OS PRODUTOS APRESENTADOS SÃO INDICADOS PARA O SEU PERFIL DE INVESTIDOR. ESTE DOCUMENTO NÃO LEVA EM CONSIDERAÇÃO OS OBJETIVOS DE INVESTIMENTOS, SITUAÇÃO FINANCEIRA OU NECESSIDADES ESPECÍFICAS DOS INVESTIDORES, DE FORMA PARTICULAR.
- ESTE MATERIAL NÃO SUGERE QUALQUER ALTERAÇÃO DE CARTEIRA, MAS SOMENTE ORIENTAÇÃO SOBRE PRODUTOS ADEQUADOS A DETERMINADO PERFIL DE INVESTIDOR. A BB ASSET MANAGEMENT NÃO SE RESPONSABILIZA POR QUALQUER DECISÃO TOMADA PELO CLIENTE COM BASE NAS ORIENTAÇÕES AQUI CONTIDAS.
- AS INFORMAÇÕES DO CONSULTOR NÃO REFLETEM NECESSARIAMENTE PROJEÇÕES E/OU EXPECTATIVAS DA BB ASSET





BB ASSET MANAGEMENT

**Busque mais para
os seus investimentos**

www.bbasset.com.br

[Linkedin.com/showcase/bbasset](https://www.linkedin.com/showcase/bbasset)